



5
Abril
1924

Ilustração Portuguesa

2.^a SERIE

N.º 946

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SÉCULO»

Redacção, administração e officinas
RUA DO SÉCULO, 49 — LISBOA

Numero avulso, 1\$00 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL
DE TIPOGRAFIA

Editor — ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS

CONTINENTE E ILHAS: 5 mezes, 13\$00;
6 mezes, 26\$00; 12 mezes, 52\$00. — CO-
LONIAS PORTUGUEZAS: 6 mezes, 32\$50;
12 mezes, 65\$00. — PAIZES ESTRANGEI-
ROS: 6 mezes, 51\$00; 12 mezes, 102\$00.
— HESPAÑHA: 6 mezes, 29\$50; 12 mezes,
58\$00

DENTES ARTIFICIAES

Extrações sem dôr, corôas
d'ouro, dentes sem placa.

R. EUGENIO DOS SANTOS, 35, 1.º

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Sociedade Anonima de Responsabilidade
Limitada

Accoes	500.000\$00
Obrigações	284.220\$00
Fundo de reserva e amorti- sacção	380.000\$00
escudos	1.164.220\$00

SEDE EM LISBOA. Proprietaria das fa-
bricas do Prado, Marlanaia e Sobreirinho
(Tomar), Penedo e casa de Hermito (Lou-
zã), vale Maior (Albergaria-a-Velha), ins-
taladas para uma produção anua de 6 mil-
hões de quilos de papel e dispondo dos
maquinismos mais aperfeiçoados para a
sua industria. Tem em deposito grande
variedade de papéis de escrita, de impre-
são e de embrulho. Toma e executa prom-
ptamente encomendas para fabricações espe-
ciaes de qualquer quantidade de papel
de maquina continua ou redonda e de fór-
ma. Fornece papel aos mais importantes
jornaes e publicações periodicas do paiz e
é fornecedora exclusiva das mais impor-
tantes companhias e empresas naclouaes—
Escritorios e depósitos: LISBOA, 270, rua
da Frinzeza, 276. PORTO, 49, rua de
Passos Manuel, 51.—Endereço telegrafico
em Lisboa e Porto:—Companhia Prado—
N.º telet. Lisboa 665. Porto, 117.

SENHORAS!

NÃO ESTÁ COMPLETO O
VOSSO TO LETTÉ SE NELE
NÃO EXISTE O

CREME LOTTY

OURO, PRATA E JOIAS

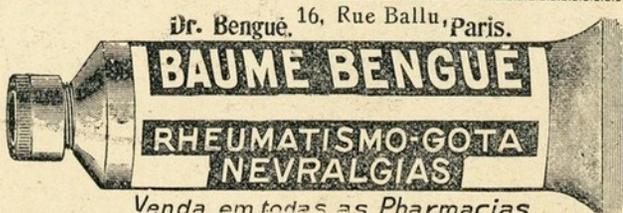
Compram e vendem aos
melhores preços

Consultem sempre os nossos
preços

Peixoto, Maia & Pinheiro, Lda

Séde: Rua de S. Paulo, 31

Sucursal: R. de S. Paulo, 114



BEBAM AGUA

S. MARÇAL

TELEFONE CENTRAL 1566

Casa ADÃO

CHAS, CAFÉS, LICORES,
CHAMPAGNES, VINHOS DO PORTO
E DA MADEIRA

da antiga casa

FERREIRINHA DA FIGOA

e de

F. F. FERRAZ & C.ª L.ª

PREÇOS SEM COMPETENCIA
LOJA E ARMAZEM

76, R. DOS RETROZEI O , 77, E 75, 2.º
ESCRITORIO

RUA AUGUSTA, 70, 3.º

TELEFONE CENTRAL 1566

RELOGIOS DE PAREDE

Aos senhores Relojoeiro.

ACABAM de chegar da marca Soleil
e Radium. Despertadores de fantasia e Ba-
bys. Pournituras e terramentos para relo-
joeiros, ourives e gravadores.

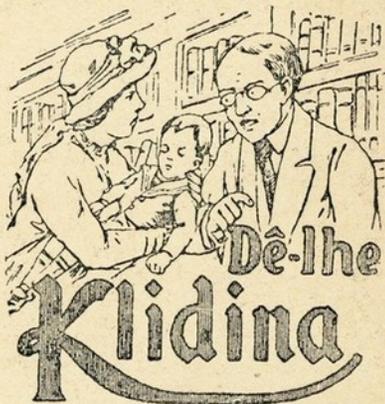
GRAND-SORTIDO

COTRINS & AFONSO, Ltd.ª

Rua da Prata, 175—Rua 31 de Janeiro, 145
LISBOA PORTO

Maquinas de escrever NOVAS E USADAS

Reparações e reconstruções ga-
rantidas—Acessorios
I. Anão & C.ª, Ltd. R. Fanqueiros.
376, 2.º—Tel. 3536 N.



Quando AS CRENÇAS ANDAM MA-
GRAS, PALIDAS, ABATIDAS, SEMPRE
QUEIXOSAS e SE NÃO DESENVOLVE ou
AINDA QUANDO LHES APARECEM CA-
ROÇOS NO PESCOCO deve se-lhes dar
KLIDINA. Evita se assim que ellas sucum-
bam ás consequencias

do ESCROFULOSO,
do RAQUITISMO,
do LINFATISMO.

KLIDINA

é um composto organico de lodo ao qual
está associado glicerofostato de soda em
perfeita combinação.

Substitue o Oleo Figados de Bacalhau
É um Xarope de sabor agradabilissimo

PEÇAM

Klidina

DAVITA, L.ª

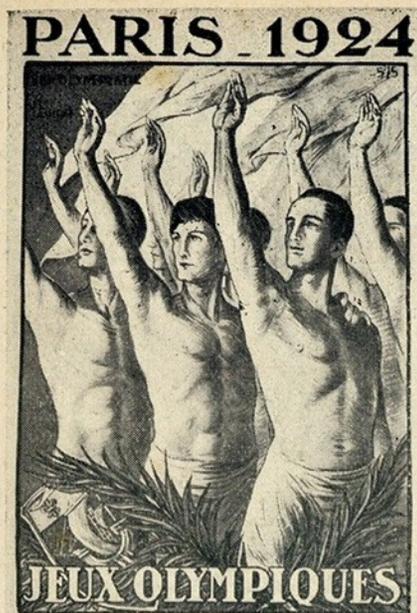
81 Rua Eugenio Santos

LISBOA

CASA RUBI

Telefone Central 3851

ILUMINAÇÃO, HIGIENE
E AQUECIMENTO



Reprodução dum dos cartazes dos próximos Jogos Olímpicos

TODOS OS "SPORTS."



Outro cartaz dos Jogos Olímpicos de Paris, do ano corrente

DECIDIDAMENTE o Sporting está perdendo terreno a olhos vistos.

O encontro, do ultimo domingo, foi mais nma esperança, que se desfez para os amigos do club do Campo Grande,

E, na verdade,—posto que concordando que o resultado do desafio correspondeu, completamente, ao jogo desenvolvido pelos dois adversarios — devemos compreender, que o Sporting não tem jogado com *une très bonne chance*, tanto mais que a victoria dos Belenenses, foi beneficiar os dois clubs, mais bem collocados, actualmente, na disputa do campeonato: O Sport Lisboa e Bemfica e o Casa Pia Atletico Club.

O jogo como acima dissemos correspondeu, inteiramente, ao resultado 2 1, a favor dos Belenenses.

Estes ultimos trabalharam, durante todo o encontro, com maior coesão que os adversarios, realisando boas jogadas e inutilisando, com acerto, os ataques do Sporting.

Neste trabalho sobressaiu a meia-defesa belenense, onde Augusto Silva teve ocasião de mostrar as suas magnificas qualidades de medio-centro.

O Sporting, apenas, reagiu, fortemente, no final da primeira parte, quando obteve a unica bola a seu favor, enfiada, nas rês de Manoel Arsénio, por João Francisco, com um bom pontapé rasteiro.

Os Belenenses furaram as rês adversarias, por duas vezes; a primeira bola foi collocada dentro de las por um remate de Joaquim Rio, a uma passagem de Almeida, e a segunda foi marcada por José Pires.

No final do encontro o Sporting—que aliás fez uma fraca exhibição—mostrou-se enfraquecido.

Do grupo vencedor salientaram-se os jogadores Manoel Arsénio, guarda rêde, Azevedo, defesa, Augusto Silva e Cesar, meias-defesas, Fernando Antonio e Joaquim Rio, avançados.

Do Sporting, os melhores homens em campo, foram: Cipriano, guarda-rêde, que mereceu especiaes elogios; Ferreira e Jorge Vieira, defesas; Portela, João Francisco e Torres Pereira, avançados.

A arbitragem de Silvestre Rosmaninho, do Casa Pia Atletico Club, foi muito aceitavel, pela imparcialidade com que demonstrou ser realisada.

— Antes do encontro Sporting-Belenenses, efectuouse a final do campeonato da segunda divisão, que foi ganha pelo Victoria. O dominio do jogo pertenceu ora ao vencedor, ora ao Carcavelinhos, acentuando-se, no entanto, o deste ultimo club, durante um maior espaço de tempo.

Ambos os adversarios jogaram com vontade de ganhar e acerto, conseguindo que este encontro fosse um dos melhores desta época.

A bola do Carcavelinhos, a primeira da tarde, foi obtida por Manoel Rodrigues.

As bolas do Victoria foram respectivamente, obtidas: a primeira por João dos Santos, com uma boa cabeça; a segunda por Cambalacho e a ultima por J. Silva, na marcação duma grande penalidade. Ainda devemos elogiar o trabalho de Viegas, guarda-rêde do Club de Setubal.

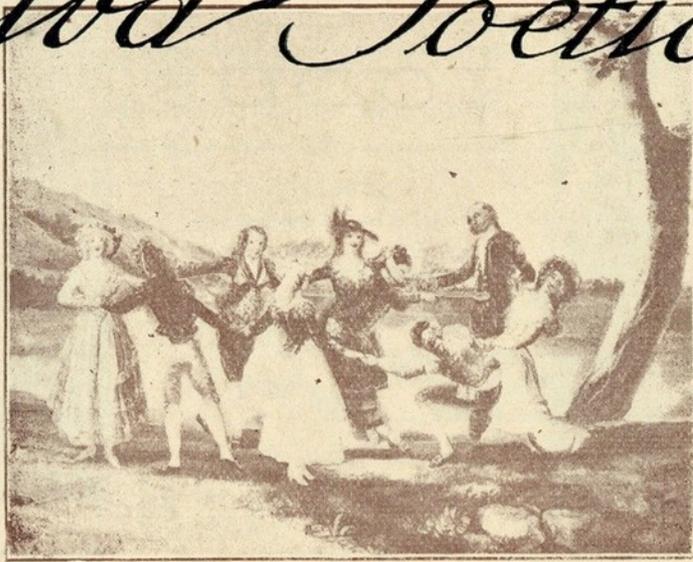
A arbitragem foi boa.

D. C.



O team do Foot-ball Club de Mungalde que, recentemente, venceu por 4-3 o Vilanovense Atletico Club, de Vila Nova de Tazem

Silva Poética



AS MÃOS DA ESFINGE

A BELLO REDONDO

AS mãos vestidas de carinho e prece,
são filhas do misterio e do luar...
E o sonho azul que mora em seu olhar
tem um ar outonal que me adormece!

A palidez das monjas enobrece
o seu rosto, de espumas de alto-mar!
Parece uma fidalga de solar,
com sangue duma raça que adoece...

Ela que é sempre triste, sempre só,
evocação cismatica do Além,
anda na vida amortalhada em dó...

Bôca florida num semi-sorriso,
lembra, em seu rictus doloroso, alguém
que, por amor, perdesse o Paraíso!

Outono, 1922.

ANTONIO DE ARAGÃO PAIVA.

DESCRENÇA

PORQUE nasci á luz embriagante
Do sol meridional que me alumia,
E nunca ouvi os sons duma harmonia
Em doces falas duma terna amante;

Porque o meu pensamento é nau errante
Batida pela forte ventania,
— Nau que de todo o porto se desvia
E em que o meu coração é o navegante;—

Porque esta exaltação, esta anciedade
E' de minha alma pura o resplendor
Ou é clarão divino, que me invade;

Penso que, se não sou possuidor
Dum amor puro como a claridade,
E' porque não existe um tal amor!

MANOEL SOBRAL DIAS.

SONETO

... E o nosso amor ainda sem chegar!
Meu coração perdido e mais o teu!
Foram-se as noites brancas de luar!
Foram-se as tardes lindas, côr do Céu!...

Meu coração tanto te quiz sonhar,
Que se afogou em Sonho e se perdeu!...
Eu chorei!... Tu, choraste!... Antes chorar:
Ha um rio de lagrimas no Céu!

O' fontes a chorar a nossa Pena!...
A arrepender Maria Madalena...
Que muito amou! Mas nunca se perdeu!

Parai meus versos vãos e desgraçados,
E corações em dobres de finados:
Tudo era nada!... Nada nos morreu!...

H. G.

DESILUSÃO

EU sou a aguia inerte que tombou,
Depois de ter voado a meia altura,
No turbido jardim onde ensaiou
Timidos vôos de transitoria dura.

Perdi a inspiração — pobre mas pura —
Dum Simples que poeta se julgou;
— A' minha roda tudo é noite escura,
— Junto a meu peito a rosa desmaiou.

Agora, a pouco e pouco se finando,
As páldas florinhas do jardim
Sobre meu corpo débil vão tombando;

E sinto, ao mesmo tempo, o derrocar
Da obra que criei — pobre de mim! —
A obra duma alma a delirar...

Madeira.

MACARIO GONÇALVES.



INFELIZMENTE, não são apenas os adultos que, influenciados pela decadência neurastênica da época, experimentam o desejo avido de sensações novas; a infância sofre desse mesmo mal que, como Musset, bem poderemos alcunhar de: «mal do século».

Os divertimentos tradicionais já não a entretem; se formos a um jardim, não veremos arcos nem cordas de saltar; se entrarmos na casa de brinquedos, observaremos serviços de jantar, bolas e cavalos postas de lado. A criança, de olhos entediados, busca constantemente novidades, cansando-se rapidamente do que lhe passa diante dos olhos. Como remediar o mal, proporcionando-lhe o divertimento necessário ao seu bem-estar físico e moral? Sim, porque, proporcionar divertimentos à infância, é um problema educativo tão importante como qualquer outro.

Os ingleses resumem essa necessidade num provérbio popular, mas lapidar: «Tudo trabalho e nada de brincadeira torna o rapaz estúpido».

Ao tratar o assunto, tenhamos em mente o mal social de que reconhecemos enfermar a humanidade inteira e tomemo-lo em linha de conta nos nossos planos. Não sejamos Cassandras, perdendo o tempo em lamentações inúteis e recriminações estereis, defrontemo-nos francamente com o mal e, aceitando-lhe a existência, procuremos remediar-lo na medida do possível e, no que tiver de irre-ediável, canalisemo-lo de forma a diminuir-lhe os efeitos deploráveis.

Assim, procuremos, por todos os modos, dissipar, pela novidade, pelo inédito, esse aborrecimento, essa fadiga, que invade a infância moderna, ameaçando prejudicar as gerações futuras.

Pensemos, constantemente, em despertar-lhe a curiosidade e o interesse, por leituras, por invenções engenhosas, por distrações originaes.

Os que tem crianças procurem reuni-las, semanalmente, em grupos, ora numa casa, ora noutra — sob constante vigilância de pessoa idonea, claro está: — essa reunião fará medrar, pelo contacto de diversas inteligencias, ideias novas, benéficas, para os pequenos organismos, nos quaes infundirá novos entusiasmos e novas energias. Compete aos adultos alimantar esse fogo sagrado, inventando entretenimentos que despertem a curiosidade e a imaginação. Seguindo este criterio, apresentarei aqui um alvitre que me parece será para todos de facil execução. A gravura ilustrará a minha ideia.

Prende-se ao tecto um arco revestido de verdura, de onde pendem vistosos balões venezianos. Também, preso ao tecto, mas completamente independente do arco grande — afim de evitar desastres — está outro arco mais pequeno, por onde passam longas fitas de variegadas cores, na ex-tremidade das quaes estão atados varios embrulhos contendo surpresas.

Estas fitas mergulham numa caixa forrada de um bonito papel ou en-

feitada a capricho. As crianças veem escolher numa caixa, que estará sob a guarda de uma pessoa crescida, um lacinho de seda, indo procurar em seguida a fita que lhe corresponda na cor, recebendo, certamente no meio da mais sa alegria, o dom que a sorte lhe destinou, e que lhe trará o imprevisto, a surpresa, quando não lhe traga a realisação de um sonho.

Meditemos no bem ocasionado por estas horas de distracção: despertam o interesse, a alegria sa, o contentamento, a boa disposição, a gratidão e, dando vida e animação, tonificam o moral.

Agora, terminando, peço ás minhas leitoras que colaborem comigo neste proposito, enviando para «o canto das crianças», desta secção, qualquer ideia original que lhes ocorra; querendo, podem incluir desenhos que a illustrem. Publicar-se-ha, aqui, artigos e gravuras, anunciando-lhes a autoria. Desde já agradeço a todas que, por esta cruzada, se interessarem.

LIRIO DE NOSSA SENHORA

Chama-se assim o lirio classico, aquele que é considerado o simbolo da pureza e é cantado pelos poetas; os outros são apenas resultados de sábias combinações de jardineiros; o verdadeiro, o natural, é o lirio branco, puro e immaculado, fragil e delicado — o lirio de Nossa Senhora, o mais lindo de todos, aquele onde os olhos descançam demoradamente, encantados pela sua alvura pacificante.

O lirio branco tem um perfume leve e subtil, tão leve e subtil que é quasi imperceptivel. Pertence ás minhas memorias de infancia e, com a alfazema e a bôca de dragão, formam um ramillete antiquado, mas deliciosamente oloroso.

E' uma alegria, chegando março, ver o desdobrar daquelas grandes folhas, quasi transparentes, e tão brancas que dão a illusão de iluminar a noite.

Este lirio gosta de sol e dá-se melhor nos sitios onde ele vem pousar o seu beijo de luz e calor. Principia a dar flor com a primavera.

Logo que lhe amareleçam as folhas e o pé, corta-se a planta rente ao solo; breve renasce mais forte e bela, sendo então ocasião de a transplantar.

O outouno é a estação de meter na terra os novos bolbos se quizermos que o suave perfume liliual embalsame na primavera os nossos jardins ou terraços. O lirio

CALENDARIO DA SEMANA

Abril — 30 dias

- 6 — Domingo — S. Marcelino.
- 7 — Segunda-feira — S. Epifani .
- 8 — Terça-feira — S. Amancio.
- 9 — Quarta-feira — S. C istiano.
- 10 — Quinta-feira — S. Daniel. S. Ezequiel.
- 11 — Sexta-feira — S. Leão Magno.
- 12 — Sabado — S. Victor.

MENÚS DA SEMANA

<p>Comingo</p> <p>Almoço Bacalhau albardado com batatas fritas Carne guisada com grelos Cacau</p> <p>Jantar Sopa de macarrão Soufflé de carne Frango com molho de Béchamel Doce de tomate</p>
<p>Segunda-feira</p> <p>Almoço Peixe frito com salada Mayonnaise de frango Café com leite</p> <p>Jantar Sopa de arroz com castanhas Sandwiches de espinafres Carne assada com batatas à holandesa Creme amendoado</p>

<p>Terça-feira</p> <p>Almoço Pochetes de peixe Salada de feijão frade Café ou chá</p> <p>Jantar Sopa de feijão branco Frituras de atum com salada de batata Lombo falso com cenouras Geleia de maçã</p>
--

<p>Quarta-feira</p> <p>Almoço Carapaus no espêto Isclas com arroz de manteiga Cacau</p> <p>Jantar Sopa de caça Ovos recheados au gratin Lebre guisada Creme de pasteleiro</p>
--

<p>Quinta-feira</p> <p>Almoço Pasteis de lebre Chocos abafados Chá ou café</p> <p>Jantar Sopa de tapioca com ovos Emvada de camarão Carne assada com chourço branco Pudim de arroz</p>

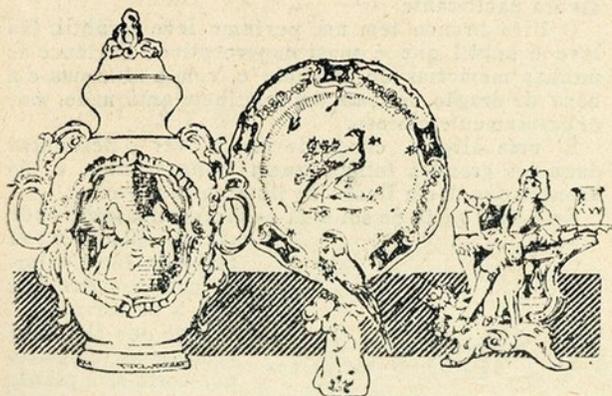
<p>Sex a-feira</p> <p>Almoço Papas de aveia com leite Peito de vaca de caldeirada Cacau</p> <p>Jantar Sopa de peixe Pargo frito com salada de cebolas Bolo alemão com marmelada</p>
<p>Sabado</p> <p>Almoço Pescada grelhada Carne com ervilhas Pudim de ameixas passadas</p> <p>Jantar Potagem de vinho Arroz com ervilhas cozido Quarto de cabrito com puré de cenouras e nabos Pudim de marmelada de fruta</p>

não exige terreno especial, desenvolvendo-se bem desde que este seja bom, bem cavado e bem estrumado. Se o estrume for vegetal, na sua maior parte, melhor é. Os bolbos são plantados em grupos e, antes de metidos na terra, polvilhados com flor de enxofre. Em volta e por baixo de cada

um deles deita-se um pouco de areia branca. Dá-se, entre cada grupo, o espaço de dois palmos. Depois, não se mexe no terreno senão para o sachar, e estrumar de longe a longe, porque os lirios, na sua alvura sensitiva, não gostam que lhes toquem. Assim como a primitiva plantação, é também no outono que se faz a remoção das plantas, se transplantam e se clareiam

A LOUÇA ANTIGA E SUAS IMITAÇÕES

Nós temos louças lindas em Portugal e, onde se encontram mais belos exemplares, é por essas provincias, em recantos ignorados e escondidos. Enquanto estou escrevendo estas linhas, o meu espirito corre celere a duas casas onde as paredes estão guarnecidas de alto a baixo com lindos exemplares dessas preciosidades adquiridas, muitas vezes, em troca de uma caixa de rapé dada a qualquer velhinha para quem esses pratos são apenas louça ordinaria, que os «se-



nhores de Lisboa» querem por uma daquelas venetas de que são ricamente providos-

Para os amadores e investigadores ha momentos de grande alegria ao encontrar, entre louça velha, exemplares unicos. Ferreira da Silva, o grande artista ha tão pouco tempo falecido, era um colleccionador emérito de louças raras e, com certeza, na sua casa, os espiritos delicados deviam sentir uma atmosfera de romance e poesia vindo daquelas peças de lindas porcelanas que haviam assistido a tanta tragedia e a tanto

drama de amor. A origem da louça perde-se nos tempos pre-historicos; muito cedo principiou a humanidade procurando preservar o seu alimento do contacto da terra; para isso, appareceram os primeiros pratos, feitos com folhas de arvores. Mais tarde, foram estas substituidas por pedras; depois, por pedaços de barro, até que se descobriu o segredo de fazer porcelana. Ainda que rudes e primitivos, os desenhos da louça tinham um cunho artistico, que mesmo hoje conservam, apesar da cupidez comercial ter banalisado muito os motivos, repetindo-os em milhares de serviços.

As louças mais bonitas são a chinesa, a japonesa, a inglesa (Chelsea), a franceza (Sèvres), a holandesa (Delfet) e a portugueza (Rato).

Quem quizer ter uma colleção de objectos autenticos terá de estudar com muito cuidado as marcas, visto serem as falsificações inumeras.

PARA OS DIAS DE CHUVA

Com uma folha de papel e umas bisnagas de tinta de aguarela, consegue-se entreter uma creança durante as horas, cheias de tedio, de um dia de chuva. Colocam-se sobre o papel bocados de tinta de vari gadas cores, dobra-se a folha e, com uma faca, esmagam-se as tintas de maneira a dar-lhes a forma de azas. Ao desdobrar o papel, a creança verá uma borboleta com as suas quatro azas, o seu corpo e as proprias antenas. Peço-lhes, todavia, que não tentem fazer obra de entomologista. A creança pouca importancia dará á exactidão; pelo contrario, quanto mais fantasista for a fantasia, mais lhe agradará.

PENSAMENTOS

O escrupulo espreita sob a nossa vontade e, como reptil deslizando, escorrega-nos entre os dedos, conspurcando com a sua baba venenosa todos os nossos actos.

L. Daudet

Ninguem gosta que o menosprezem, ou não lhe deem importancia, quer seja no louvor, quer no vituperio. A vaidade humana é insondavel.

Conde de Sabugosa

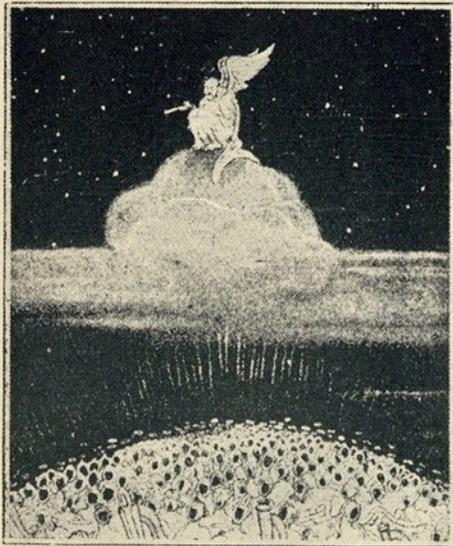
Cada joia tem o sinistro resplendor dos crimes que se entrelaçam na sua historia.

Henrique de Vasconcelos

Os berços sem canções são berços que não teem mãe.

Guerra Junqueiro

SEARA ALHEIA



O pessimista, mesmo no Céu

— E é que tenho que me suicidar, segunda vez!?

(De *Life*, New York.)



— O' Brigida, quando vier, logo á noite, o teu guarda municipal deixas-me sentar no colo d'ele, primeiro?!...

(De *London Opinion*, Londres.)



— E tens bem a certeza de que é apenas uma hora?!
— Tanta, que acabo de ouvir o relógio repetil-a tres vezes ..

(De *London Mail*, Londres.)



— E como é que vae retratar-me?... a tres quartos... de perfil?...
— De perfil parece-me mais que bastante!!

(De *Le Petit Parisien*, Paris.)



— A mim, não é a chuva, que me incomoda mais, é o guarda-chuva!!

(De *Le Petit Journal*, Paris.)

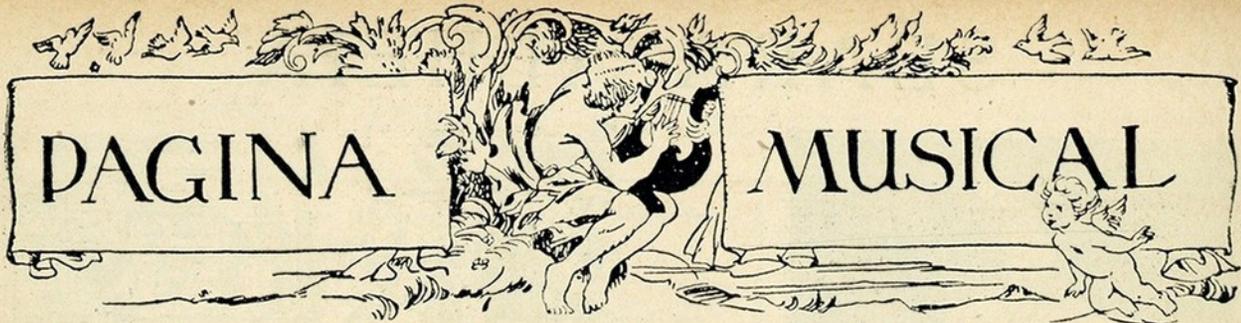


O Filho—Tenho a honra de lhe apresentar, minha boa amiga, o autor dos meus dias...
O Pae—A peor das minhas obras, miuha senhora...



— Ah! vem para receber a renda?... Que pena! meu marido acaba de sair neste instante...

(De *Le Matin*, Paris.)



VALSA

Weber

Piano

X

p.

fz *fz* *fz* *fz*

fz *fz* *fz* *fz*

fz *fz* *fz*

Trio

f

p.

X

DC.

A BONECA

CONTO INGENUO

I

VAMOS, Maria Antonia!... Então!... Tapa-te, está quieta e cala-te! Quê? Pois sim, sim... Conto-te uma historia... como as outras noites... Mas has-de ser bonita... Vou começar.

II

A pobre casita estava perdida ou, melhor seria dizer, abandonada na planície avermelhada e monotona de Castela. Tão pequena era a misera morada, sumida no declive que o terraplano da via ferrea produzia, quasi nenhum viajante dos comboios, que com seu fragor endemoninhado ali cruzavam velozes, reparava nela. Apenas o telhado, com o seu simulacro de chaminé, sobresaia alguns palmos acima do nivel da linha ferrea. No entanto, naquela escondida e isolada choupana vivia uma familia.

Havia porém coisa de quatro anos que eram apenas dois os habitantes da ignorada moradia, somando a idade de ambos a linda conta de quasi seculo e meio. Porque se o tio Lucas, guarda agulhas da linha do norte desde tempos imemoriaes, tinha um pé neste mundo e outro na sepultura, a mulher, a senhora Andreza, já completára ha muito os seus cincoenta anos.

Não lhes tinha o Senhor concedido filhos e á fé que fóra um grande acerto do Creador, pois não teria sido espectáculo muito edificante para os tenros pimpolhos presenciar as disputas em que de continuo se enredavam marido e mulher e em que, a maior parte das vezes, se as linguas não descancavam as mãos tambem não estavam ociosas. Quer isto dizer que o matrimonio não era um modelo de boa harmonia conjugal. E em geral as culpas não cabiam ao tio Lucas, homem bom entre os bons e cujo caracter pacifico e equilibrado só se tornava furioso e irracivel se lhe entravam n'alma uns travessos e mal humorados diabretes que costumavam atacá-lo quando bebia a sua pinguita a mais.

Do mau viver de ambos unicamente era culpada a mulher, creatura de caracter aggressivo e genio furibundo, para a qual não havia coisa bem feita nem opinião acertada que saísse da cabeça do marido.

O tio Lucas aguentava, pachorrento e fleugmatico, a sua cruz e deixava a mulher gritar quanto lhe apetecia, contentando-se uma vez por outra, quando já o espirito sobrejamente atormentado pelas pendencias conjugaes lhe pedia descanso, em ir á vila proxima, seis leguas e meia a pé ida e volta, encher-se do saboroso vinhito da terra. E naquelas noites se á senhora Andreza lhe dava p'ra provocar que-relas, o que em regra geral acontecia sempre, era ela, por excepção, quem ficava de peor partida na refrega.

Decorria assim a vida do mal avindo matrimonio, quasi em continua pendencia, interrompida apenas

pelo rodar dos wagons que o tio Lucas, substituido pela mulher nos dias em que ia á vila para aquilo que nós sabemos, esperava na passagem do nivel distante da casa uns quinhentos metros com a bandeirola dos sinais em riste, quando certa tarde veio um incidente quebrar aquela monotonia.

Foi o caso que, quando á porta da sua morada, a senhora Andreza descascava as batatas que haviam de servir de repasto ao matrimonio, viu avançar pela estrada, á luz indecisa do crepusculo, alguma coisa que a principio não poude distinguir bem o que era, mas que ao acercar-se, se destacou, distintamente sobre a franja amarelenta que o sol dourava com os seus ultimos raios.

Uma creança!... Era com efeito uma pequenita de uns tres anos, loura como um anjo de Murilo, de olhos azues como o céu radiante de Sevilha e cujos labios, gordinhos e frescos, se dobravam em um rictus de dór e de canção. Avançava com custo sobre o poeirento caminho cujos duros calhaus se cravavam, inclementes, em seus minusculos péritos, atravaz das solas rôtas das sandalias.

A senhora Andreza, impressionada ao vêr a desgraçadinha assim sem amparo, levantou-se, com uma ligeireza incrível na sua avançada idade, e dirigiu-se para ela com toda a rapidez que a pouca segurança das pernas lhe permitia.

Vestida quasi de farrapos, com os braços nus semelhantes a troncos secos de alguma velha arvore, os cabelos brancos desgrenhados, as mãos aduncas estendidas, parecia uma daquelas horriveis bruxas dos contos de Andersen e era de temer a fuga precipitada da pequerruchinha.

Porém, assim não foi; ao contrario. A creança, ao notar que a velha se dirigia para ela, tirando forças da sua fraqueza encurtou a distancia que dela a separava e dando uma corrida precipitou-se nos braços da creatura.

Quando o tio Lucas voltou naquela noite a casa, depois de dar passagem ao rapido das sete, ficou-se apavorado ante o inesperado quadro que á sua vista se oferecia.

A esposa, adoçando quanto lhe era possivel a expressão do semblante, — toda a mulher, por muito irracivel que seja, alimenta sempre vivo o sentimento maternal! — interrogava a creança a respeito da sua vida passada. As respostas da pequenita, ainda que deixando entrever uma historia tragica, nada diziam de definitivo.

— A mãesinha ia comigo... Tinha doe... doe... Caiu no chão a fazer ó-ó... Chamei-a, não fez caso... e depois andei sósinha muito... muito...

Em resumo: a pobresinha já não tinha mãe.

E os dois velhos, sem dizerem um ao outro uma unica palavra a tal respeito, quasi que sem sequer se consultarem eom o olhar, decidiram ficar com ela. Naquella noite como em outras que ainda se seguiram, o tio Lucas dormiu sentado numa cadeira e a senhora Andreza varias vezes acordou para cobrir a pequenita, que se destapava.



Foi assim que a humilde casita, sumida no declive produzido pelo terraplano da linha ferrea, teve o seu terceiro habitante.

III

Passaram-se alguns anos e se o tio Lucas não diminuiu o seu carinho pela pequenita a quem, ignorando lhe o nome, chamavam *Solita*, a senhora Andreza, passado o primeiro movimento sentimental, bem depressa deixou transparecer aos olhos da creança a aridez e a aspereza do seu caracter. Ralhava com ela frequentemente e pelo mais insignificante motivo, fazia-a realisar os mais duros trabalhos domesticos sem se importar com a sua tenra idade e em mais de uma occasião se atreveu a pôr lhe duramente sobre o corpinho a mão calejada e forte, deixando na alvura da pele da creança rodela arroxeadas.

Solita chorava em silencio sob os golpes e os insultos da velha, mas enxugava logo as lagrimas e sorria docemente quando, no alto da ladeira que da passagem de nivel conduzia á casita, via aparecer a figura do tio Lucas.

E' que o tio Lucas, com a sua bondade e a série não interrompida de mimos que lhe oferecia e para a realisação dos quaes havia suprimido por completo os seus dialogos com o belo sumo da uva, era para a creança como um semi-Deus, como um ser superior pelo menos.

Mas quando a sua admiração e entusiasmo por ele subiram de ponto, foi quando uma tarde o tio Lucas appareceu trazendo erguida nas mãos, como uma bandeira de combate, uma boneca com seu traje de seia, chapéu, etc.

Aquilo era um verdadeiro tesouro para a creança. A linda boneca, apesar de ter um braço de menos e a carinha de *biscuit* rachada foi recebida pela pequenita de mãos trémulas, olhos humedecidos pela emoção, quasi fóra das orbitas, bôca entreaberta em expressão sorridente e admirativa. Não foi menor a admiração da senhora Andreza ante aquele mimo que, não obstante estar estragado em parte, ella bem sabia que era de preço.

Perante o assombro das duas, o velho, radiante de intima satisfação, contou como ao passar o expresso uma menina que ia na luxuosa carruagem-salão, incomodada sem duvida ao ver mutilado, por qualquer accidente imprevisto, o braço da sua boneca favorita a havia arrojado, cheia de indignação para a linha, e como elle, apenas passado o ultimo wagon da grande locomotiva, tinha corrido a recolhê-la pensando no grande gozo que *Solita* teria ao recebê-la.

Como era certo que aquilo que sobra aos ditos pode ainda fazer a felicidade dos desgraçados!

Quando o tio Lucas terminou o seu relato. *Solita* saltou-lhe ao pescoço, comendo com beijos o velho e a boneca.

No canto mais obscuro da casa a senhora Andreza olhava para o grupo com expressão de ira.

IV

Assim teve a pequenita um objecto em que depositar a sua ternura e o seu carinho; teve por quem sofrer e por quem gozar; soube o que eram alegrias. . . e tambem, coitadita, o que eram temores.

Porque desde o achado da boneca pelo tio Lucas, os processos de que se valia a senhora Andreza para fazer realisar a *Solita* trabalhos quasi sempre superiores ás suas forças, mudaram por completo. Não eram já nem a pancada nem o insulto, nem a palavra aggressiva nem o bofetão. Era uma constante e repetida ameaça que atormentava mais a infeliz creaturinha do que a dôr fisica ou moral mais continuada: «Ou lavas a roupa ou tiro-te a boneca!» E perante estas palavras, a creança, rendida pelo sono, pelo canção ou

pela fome, trabalhava denodadamente, fazia logo tudo o que lhe ordenavam, pois sabia que do seu desembaraço e acerto dependia a vida da sua boneca adorada.

Até que um dia chegou a tragedia; atrazou-se a pequenita mais do que a senhora Andreza lhe permitia — era tão pouco! — em sair de casa com o pesado alguidar da roupa.

Rubra de indignação, maldizendo a hora em que lhe tinha acorrido adotar *aquella alma do diabo*, penetrou a velha na habitação. Então foi troia, porque encontrou a creança sentada numa cadeira embalando docemente a boneca! A pobresinha fez se livida ao vêr o seu verdugo deante da porta. Instintivamente levantou-se escudando com os bracitos o corpo fragil e mutilado do brinquedo, porém nada poude contra a força da senhora Andreza que, sem dizer uma palavra, separou rudemente os braços da creança e arrebatando-lhe o que para ella constituia toda a felicidade — a sua querida boneca — a arremessou violentamente pela janela.

A boneca foi cair nas pedras do terraplano e ficou estatelada na linha com a cabeça deitada sobre os rails. Como o tio Lucas tinha partido havia dois dias para tratar na sucursal da Companhia, da sua reforma e só regressava na manhã seguinte, a pequenita, vendo-se só e sem coragem para se rebelar contra aquella injustiça, inclinou tristemente a cabeça e chorou.

V

Durante as primeiras horas daquela noite de insónia, *Solita* forjou o seu plano. A senhora Andreza, substituindo o marido, havia de ir á passagem de nivel, esperar o comboio correio da meia noite e trinta e cinco.

Aproveitando a sua ausencia, *Solita* treparia pelo talude até ao sitio onde caíra a boneca — sabia muito bem onde ella estava — e, como fazia luar, iria buscá-la.

Antes que a velha regressasse, estaria já ella de novo deitada na cama com o objecto das suas aflições entre os braços.

Bem decidida esperou. Decorriam as horas com desesperadora lentidão, por fim soou a meia noite e a senhora Andreza erguendo-se no leito começou a vertir-se. Agarrou na lanterna dos sinaes e saiu batendo com a porta atraz de si.

Solita saltou do leito e, em camisinha, como estava, para não perder tempo, voou até ao terraplano. . . Foi uma ascensão lenta e penosa. Arranhava as mãos, os pés, os braços, nas silvas e pedregulhos do talude.

Por fim chegou á linha e á luz palida e indecisa do luar, lá viu a querida boneca, de cabeça desgrenhada e uma das pernas quasi saida dos gonzos por efeito da queda.

Solita ficou-se um momento absorta, imovel, contemplando em extasis o brinquedo. Tirou-a da sua abstracção um silvo agudo; olhou para o lado e viu como veloz, devorando o espaço, o comboio avançava para o lado onde se encontrava a boneca. Compreendeu como ia definitivamente ser destruido o seu bem e, igual a uma mãe que visse em perigo o filho das suas entranhas, precipitou-se para tirar o brinquedo da linha.

Então passou o comboio.

Sobre os rails lá se encontrou depois o corpito exanimado da pobre *Solita*. Segurava a boneca nas mãosinhas crispadas e no rosto pairava lhe um sorriso de doce felicidade. . .

VI

Maria Antonia! . . . Que tens filha? . . . Que é isso! . . . Não vêes que é tudo mentira! . . . Ora a tonta! . . . Então, não está chorando! . . .

(De Serafim Adame Martinez.)

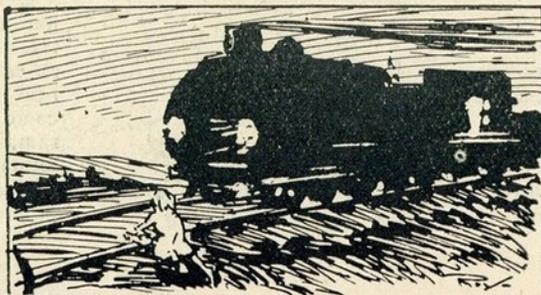


Ilustração Portuguesa

2.^a SÉRIE

5 — ABRIL — 1924

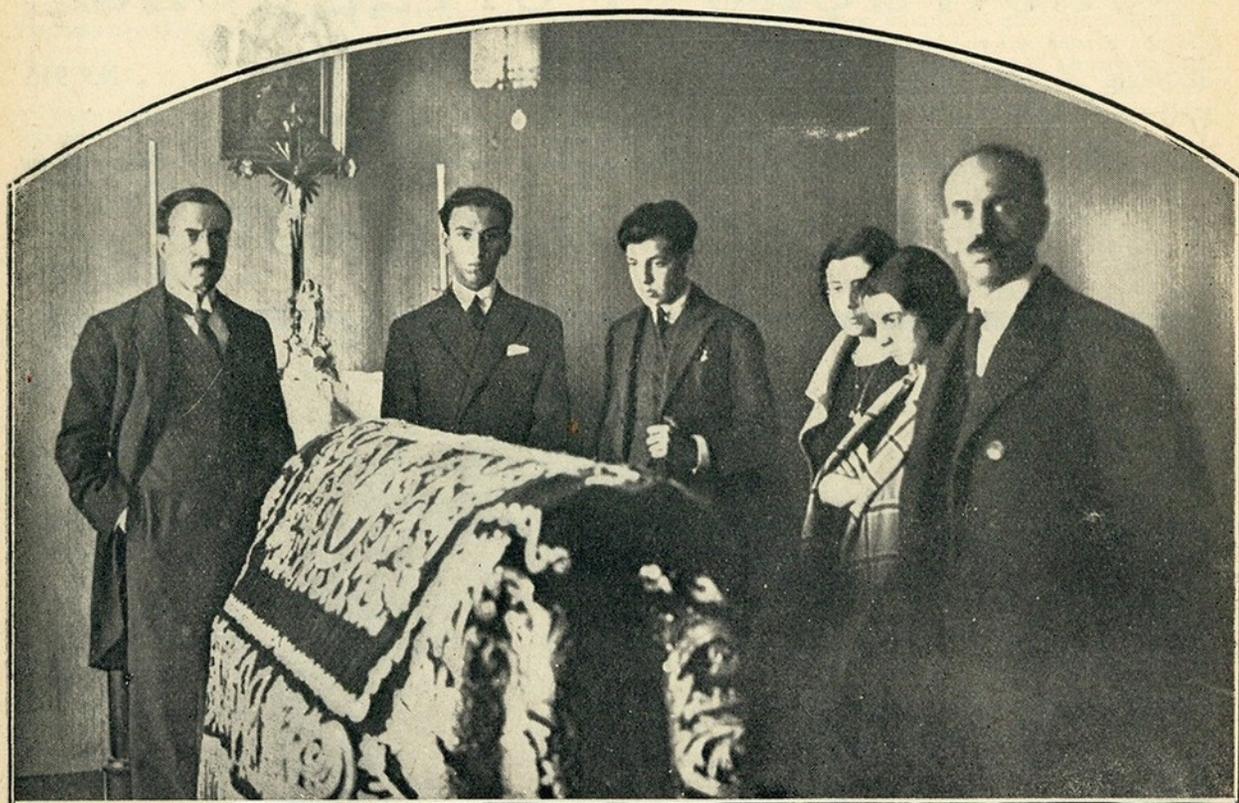
N.º 946

AUGUSTO MACHADO

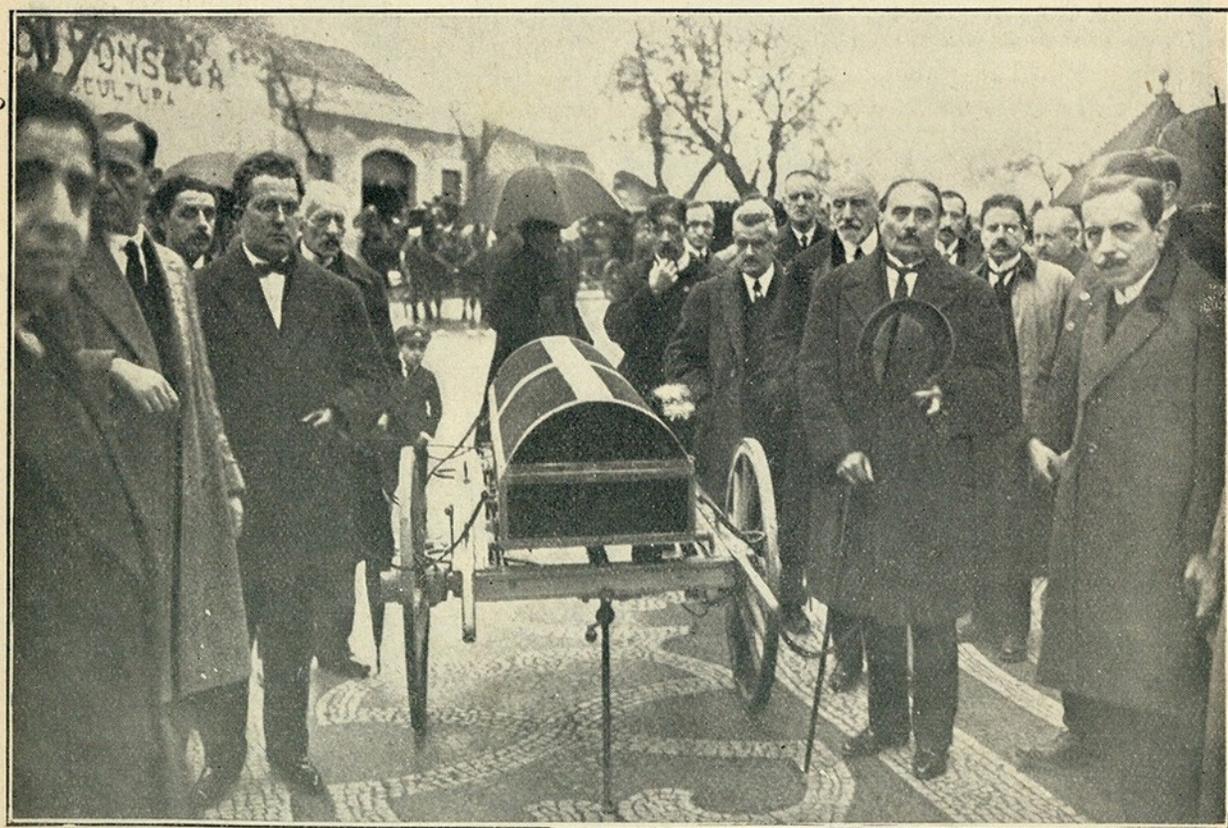


Ilustre maestro e compositor português falecido em Lisboa, no dia 26 do mez findo

OS FUNERAES DE AUGUSTO MACHADO



A camera ardente, vendo-se, em volta do feretro, a familia do finado



O 1.º turno, no Cemiterio do Alto de S. João, constituído pelos srs. ministro da Instrução, professor Mata Junior, dr. Augusto Gil, dr. Bezeza d'Andrade, professor Alexandre Rey Colaço, Adriano Moreira e Eduardo Schwalbach

(Clichés Salgado.)

A Varina no Quadro de Manuel de Macedo



PROFUNDA e caracterisadamente nacional, a arte de Manuel de Macedo veio, com a exposição dos seus trabalhos ultimamente realisada na Sociedade de Belas Artes, mostrar aos que facilmente se esquecem da sua terra que para se ser grande não é preciso ir buscar ao estrangeiro os exóticos processos tanto em uso neste momento em Portugal.

Manuel de Macedo, inspirando-se constantemente em assuntos portugueses, soube como poucos deixar uma obra que merece a nossa mais carinhosa admiração, não só pela beleza de que a impregnou e pelo grau de perfeição que atingiu, mas também — e principalmente — pelo que representa de valioso sob o ponto de vista documental.

Levar-nos-ia longe um exame demorado ao grande numero de trabalhos que ali foram expostos. E' de esperar que alguém um dia dedique ao artista magnifico o cuidadoso estudo que a sua obra merece.

Por nossa parte queremos apenas acentuar a paixão do artista por essa figura airosa que atravessa a cidade e a enche com os seus pregões — a varina.

Manuel de Macedo desenhou-a em todas as atitudes e em toda a parte, nas varias fases da sua labuta, e fê-lo com o escrupulozo interesse e o alvoroçado jubilo de quem encontra nela o seu motivo predilecto, seduzido pela harmonia das linhas, pela curiosidade de do





vestuário ou pela graça do andar, canastra á cabeça, a saia arregaçada, as pernas nuas.

O seu donaire e a sua desenvoltura foram surpreendidos pelo artista e fixados no papel em meia dúzia de traços simples ou numa pincelada fugitiva de *gouache*, sem amaneiramentos de forma, sem o mais ligeiro desequilíbrio ou o mais desculpavel artifício.

Ora espreitando ao fundo de uma rua, ora em pleno mercado, num canto da praia ou sósinha em qualquer esquina, junto da hobreira duma porta e sentada á beira de um passeio, ela aparece sempre nas pinturas e nos desenhos de Manuel de Macedo como um curioso motivo de decoração e tambem marcando o logar, acentuando a orientação nacionalisadora, lusitanissima da sua obra.

Poucas vezes, pouquissimas vezes um artista portuguez se deixou levar assim por um tão acentuado e louvavel patriotismo.

E porque portugue-

za, como poucas, é a obra de Camilo, logo Manuel de Macedo se sentiu seduzido por ela, procurando interpretal-a atravez do desenho nas illustrações surpreendentes de verdade historica da *Sereia*.

A sua honestidade de artista ia tão longe que ás suas varinas nem sequer as fazia lindas, copiando-lhes os traços duros, trasladando para o papel as suas feições irregulares, no desejo apenas de fazer arte— tão diferente daquela que obrigou recentemente certa menina a mascarar de varinas as elegantes da *Femina* ou os modelos de Fabiano colhidos na *Vie Parisienne*.

O mestre pintor Columbano bem o comprehendeu ao escolher um desses quadros para o museu d'Arte Contemporanea. E pena é que os restantes não possam constituir uma galeria publica, para enlevo e estudo de quantos, artistas ou não, precisem de aprender neles a desenhar e a amar a sua terra.



M. S.



O lampadário artistico que, no proximo dia 9, principiara a funcionar junto do tumulo do Soldado Desconhecido, na Sala do Capitulo do Convento da Batalha



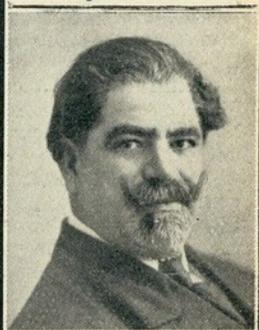
O illustre homem de Estado brasileiro, antigo Presidente da Republica, ministro, etc., falecido, no dia 31 do mez findo, no Rio de Janeiro

Além do dr. Nilo Peçanha, cuja morte constituiu, para o Brasil, uma verdadeira perda nacional, figura, na fotografia («cll h's» Garcez), tirada ha dois anos, no Rio de Janeiro, o representante de «O Seculo», sr. Tito Martins, que por essa ocasião, obteve, do eminente brasileiro, uma entrevista, extremamente penhorante para o nosso palz, que aquele jornal publicou



Que acaba de fazer uma generosa doação de 600 contos á Junta Geral do Distrito do Porto, com destino ás instituições de beneficencia

Fotografo Fernandes



Ant'go colaborador de O Seculo e da Lus-ração Portuguesa que, no proximo dia 9, festejará mais dois anniversarios: o do seu nascimento e o da fundação da acreditada fotografia do Loreto, de que é proprietario



Rui Coelho

Compositor portuguez que acaba de obter o 1.º premio, com a sua opera Nelkiss, no concurso de operas promovido pelo ministerio das Belas Artes de Espanha



Herminio Nascimento

Director da Tuna Academica que, no dia 14, irá a Madrid retribuir a recente visita a Lisboa da Tuna Madrilenha, e do Orfeão Portuguez, que brevemente visitará o Brasil



Varela Aldemira

Artista pintor, antigo aluno da Escola de Belas Artes de Lisboa que, apoz ter realisado varias exposições, seguiu para Paris e Londres em viagem de estudo

Página Terminada



PARA VELHACO...

Já lá vão bons vinte anos!...

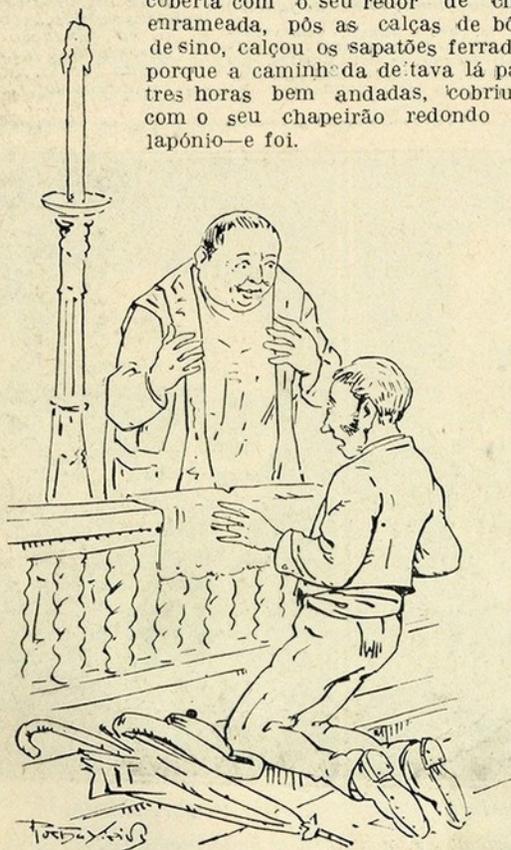
O Zé dos Casais andava sorumbático, taciturno, assim a modos de quem não tem a consciencia muito tranquila...

Tinha que ir á confissão, não restava duvida! E d'ah'... aquilo nem fôra roubo! O porquito apparecera lá pelo monte, a bem dizer, sem dono, e ele juntara-o aos seus. Veiu depois um vizinho, muito lacrimoso, á procura do animal, e o Zé dos Casais esquivara-se com um «não sei; por aqui não passou...» e ficára por ali. A companheira censurou-o e ele então, um desalmado, sem dó nem piedade, desancara-a!

Mais um pecado a juntar ao outro...

Erá melhor confessar-se, dizia por fim—não fôsse o démo levá-lo p'rás caldeiras do inferno...

Um domingo, ainda o sol tardava a erguer-se, levantou-se, vestiu a jaqueta domingueira, de côr de mel, arrecadada com muito cuidado, dentro da arca grande que estava logo á entrada, coberta com o seu redor de chita enrameada, pôs as calças de bôca de sino, calçou os sapatões ferrados, porque a caminhada deitava lá para tres horas bem andadas, cobriu-se com o seu chapieirão redondo de lapónio—e foi.



O dia não estava seguro; no céu acastelavam-se nuvens sobre nuvens. Até as urzes punham no campo uma nota melancolica, com o seu arroxeadado triste que o amarelo vivo das carqueiras em flôr não conseguia desvanecer.

A meio caminho uma decepção esperava o nosso homem.

Nos dias antecedentes tinha chovido muito e a ribeira—no verão salpicada de nenufares brancos, que espreguiçavam a folhagem á tona de agua, orlada de loendreiros floridos e perfumados, d'um côr de rosa muito vivo, muito alegre—tinha agora crescido, tomado uma côr terrosa, arrastando na sua vertiginosa corrente os galhos sêcos que o vento partira.

Voltar atraz não era ideia que o seduzisse muito. Não arredaria pé sem que a cheia, esvasiando mais, deixasse a descoberto os disformes pedregulhos que lhe serviam de passadeiras.

Com o tempo que tivera a esperar e com o que levava ainda até ao povoado, fizera-se tarde para a confissão. Os crentes tinham abandonado a igreja e a abade dispunha-se a ir almoçar, quando ele, todo açodado e vermelho da pressa e da caminhada, chegou limpando o suor.

O sacristão logo disse que «o senhor abade não o podia atender. Tive-se vindo mais cedo!», mas o homem tanto rogou, tanta lamúria fez, que afinal o abade, amigo das conveniencias, acedera com a condição de lhe ser pago o trabalho.

Que «sim senhor» dissera o Zé dos Casais desejo de lavar a alma em agua benta. «Dou do s tostões, que é o ganho d'um dia», lamuriava.

E dizendo isto, levou a mão ao bolso da jaqueta, sacou uma bolsinha bordada a côres garridas, oferta da companheira, tirou uma rodela esbranquiçada (os cobçados dois tostões) e com um piscar de olhos que lhe era peculiar em ocasião de velhacaria, entregou-a ao sacristão.

O abade, enquanto se paramentava novamente, mandou-o ali em frente, á tenda do Chico Coxo, comprar tabaco, mas o rapaz voltava d'ahi a nada com o tabaco e o dinheiro, d'zendo que «não passava—era falso!

Ru-se o abade da manha do labrêgo é lá de si para si, jurou vingar-se.

Ouvido o penitente e reguladas as contas com Deus, foi-lhe min'strada a hostia.

Porém, por mais esforços que o homem fizesse para a engulir, por mais que tregeitasse... não havia maneira!

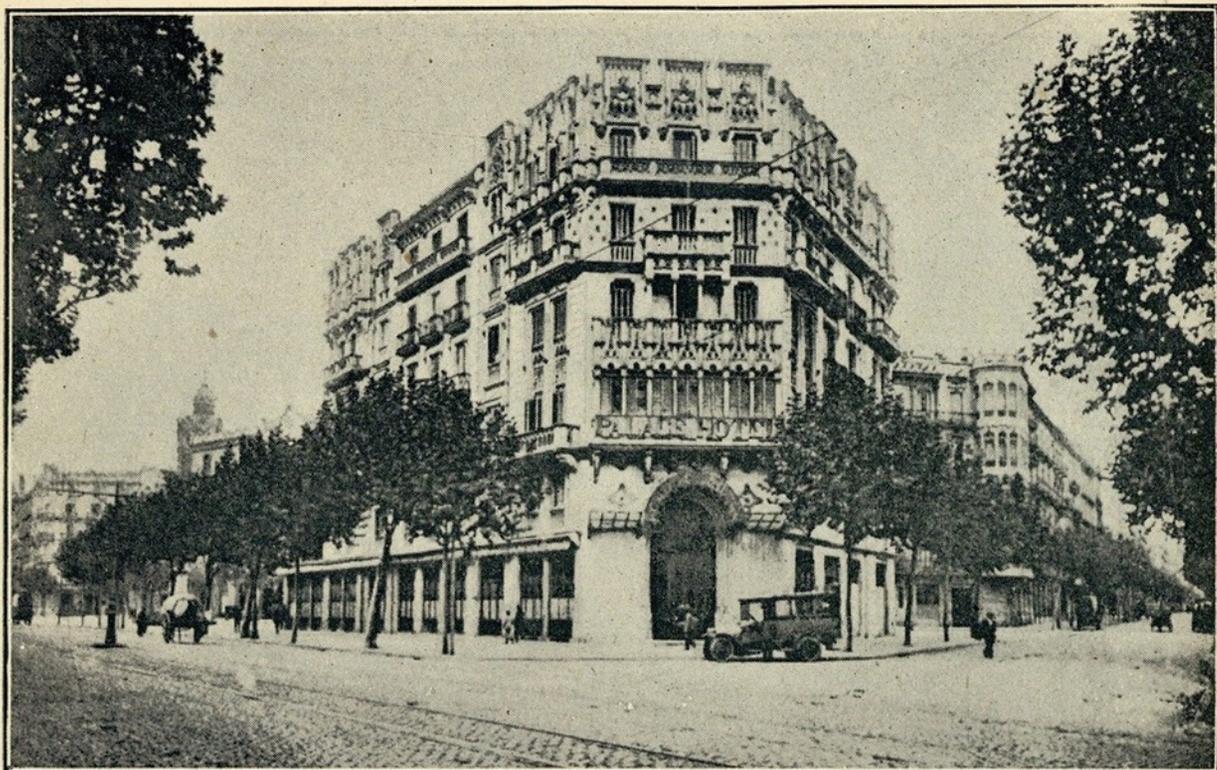
O abade, saboreando a sua vingança (porque, o maroto, tinha posto a moeda entre as capsulas nhas brancas da hostia) e levantando a pescocreira carnuda, á modo de interrogação:

—Não passa? Ah, não passa!? Pois cá também não passou!!

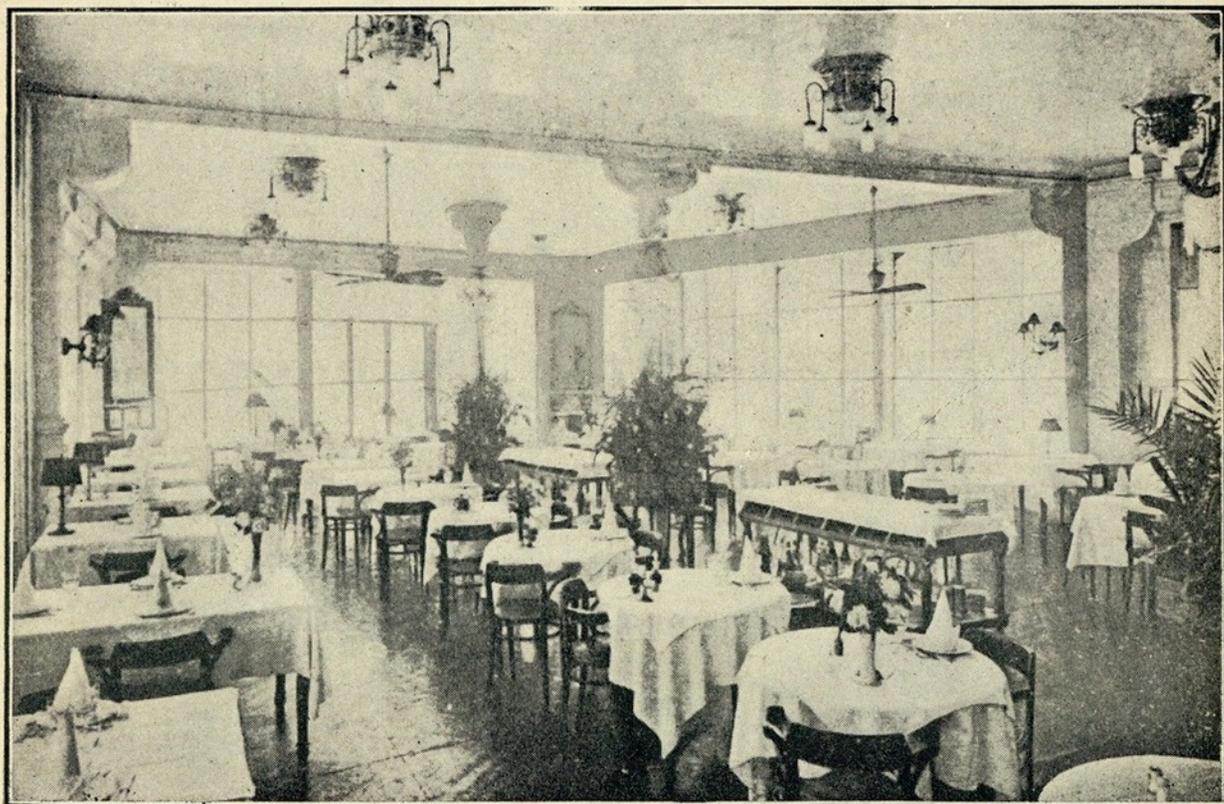
Verão de 1921

MENINA E MOÇA

Palace Hotel de Barcelona



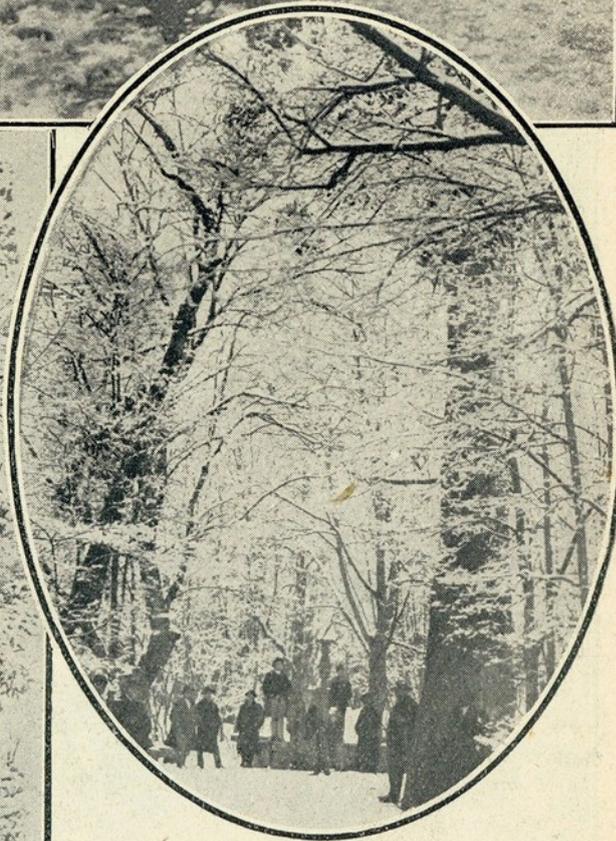
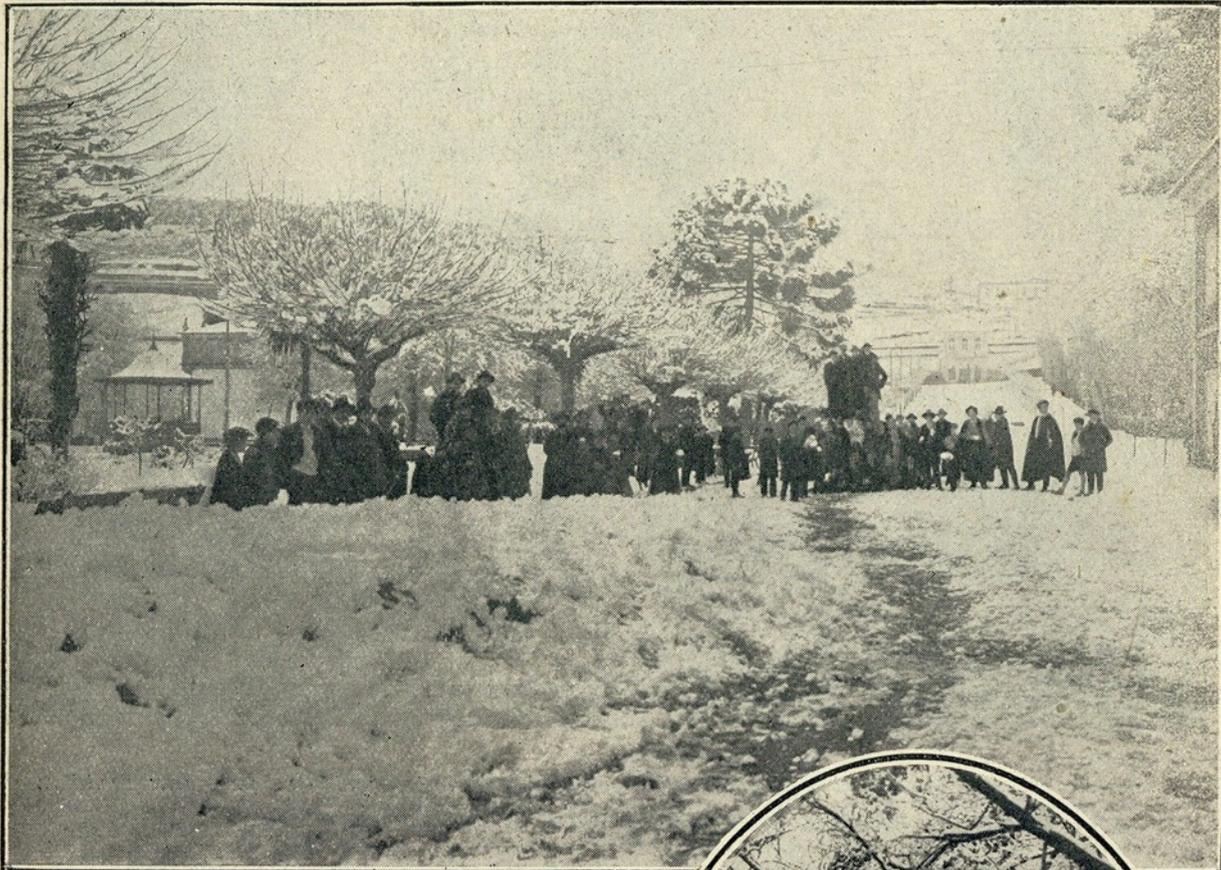
O sumptuoso edificio do Palace Hotel de Barcelona, onde costumam, de preferencia, hospedar-se os portugueses que visitam a capital catalã, o qual acaba de passar por importantes transformações



O esplendido salão restaurante do Palace Hotel

A DESPEDIDA DO INVERNO

AS NEVADAS



O jardim Publico de Lamego coberto de neve
A entrada da Alameda (na oval) e a Cascata da
mesma alameda (á esquerda) tambem por ocasião
da grande nevada que all caiu no mez findo

(Clichés Foto-Amadora, Lamego.)

AS INUNDAÇÕES

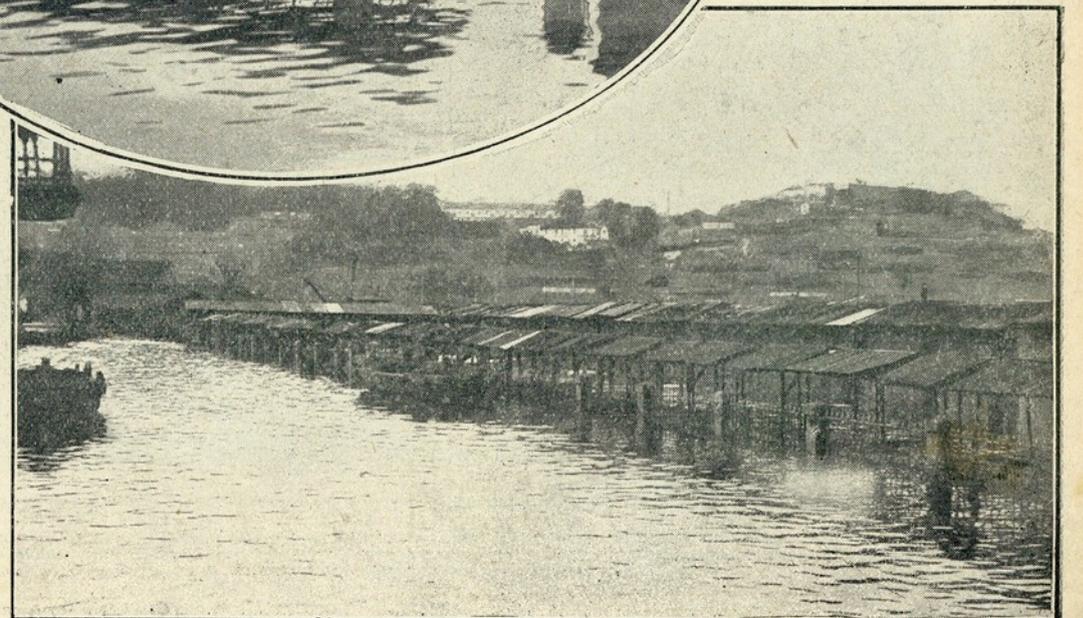


A praça da Ribeira, no Porto,
transformada num imenso
lago pelas aguas do Douro

O Mercado de Vila Nova de
Gaia, invadido pela enchente
do mesmo rio

A parte baixa
de Vila Nova
de Gaia, com-
pletamente
inundada pela
corrente do
rio Douro

(Clichés
J. M. Couti-
nho.)



O NOVO MINISTRO DE PORTUGAL EM PARIS



O sr. dr. Antonio da Fonseca pouco antes de partir no sud-express para Paris, no dia 26 do mez findo, cercado por varias pessoas que foram, á estação do Rocto, apresentar os cumprimentos de despedida, figurando, entre elas, o sr. ministro da França



Chegada do novo ministro de Portugal, em Paris, no dia 27, á estação do Quai d'Orsay. Entre as muitas pessoas que alli o aguardavam viam-se (da esquerda para a direita) os srs.: Lys, da Camara Portugueza de Comercio de Paris; Cisneiros Ferreira, encarregado de negocios de Portugal; Martinet, arquiteto, do Comité France-Portugal; P. Sousa, secretario da legação de Portugal; dr. Afonso Costa; Luiz Clerco, presidente da Camara Portugueza de Comercio de Paris, e L. Santos, secretario da legação de Portugal

O NOVO MINISTRO DE PORTUGAL EM LONDRES

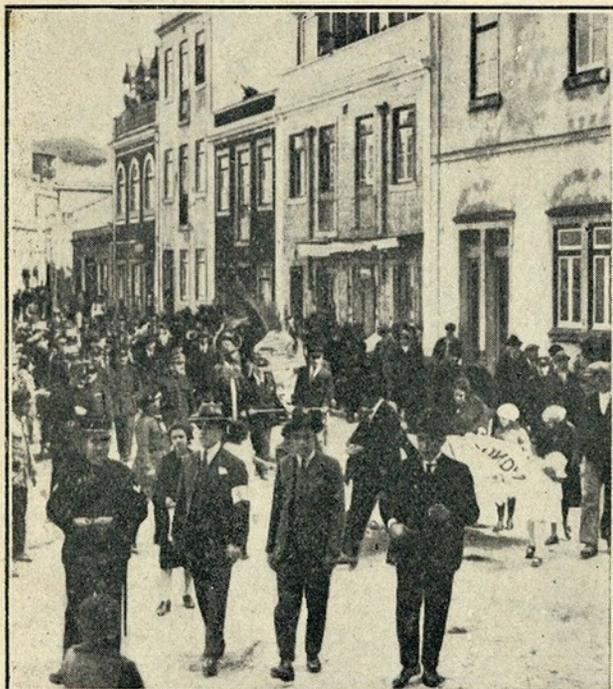


Os convivas ao almoço oferecido, no dia 31 do mez findo, no Café Tavares, pela Direcção da Associação Comercial de Lisboa, ao sr. dr. Augusto de Castro

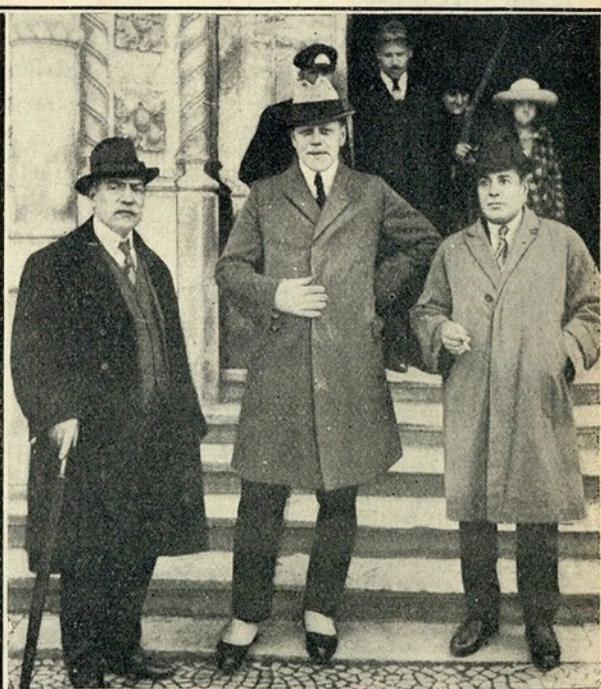
A' direita do homenageado (2.º, a contar da direita), o secretario da Associação, sr. João Pereira da Rosa e, á esquerda, o presidente, sr. Mosés Amzalack

A catastrophe de Campolide

União Postal Universal



Um aspecto do bando precatorio em favor dos sobreviventes do tragico desmoronamento da travessa do Tarujo, promovido, no dia 30 do mez findo, pela Academia Filarmonica Verdi e que, tendo percorrido todo o bairro de Campolide e ruas proximas, angariou donativos em importancia superior a 5.500\$00



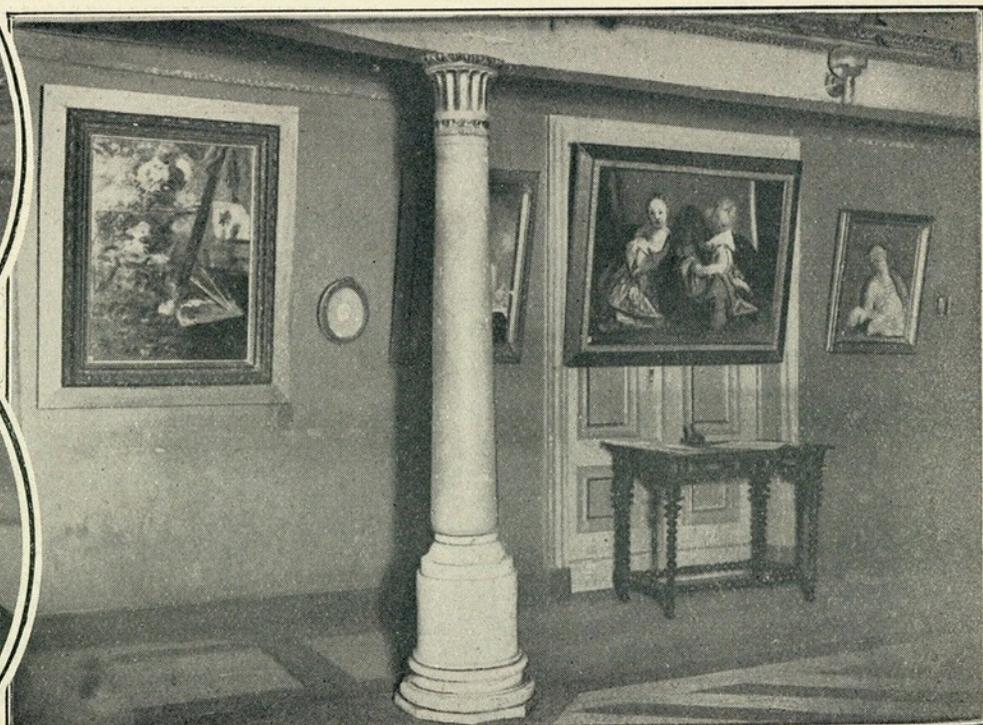
O sr. Sven Svenmarck, delegado da Direcção dos Correios da Suecia, acompanhado pelos funcionarios postaes srs. Adalberto da Veiga e Mousinho de Albuquerque por ocasio da sua chegada no dia 28 do mez findo, a Lisboa, onde veiu tratar de assuntos que se relacionam com o proximo Congresso Postal de Stockholmo

(Clitchés Salgado.)

ARTE E ARTISTAS



Trecho da interessante exposição dos estudos de Arte, do artista escultor sr. João José Gomes, inaugurada, no dia 25 do mez findo, no Salão Bobone. A' esquerda, o expositor

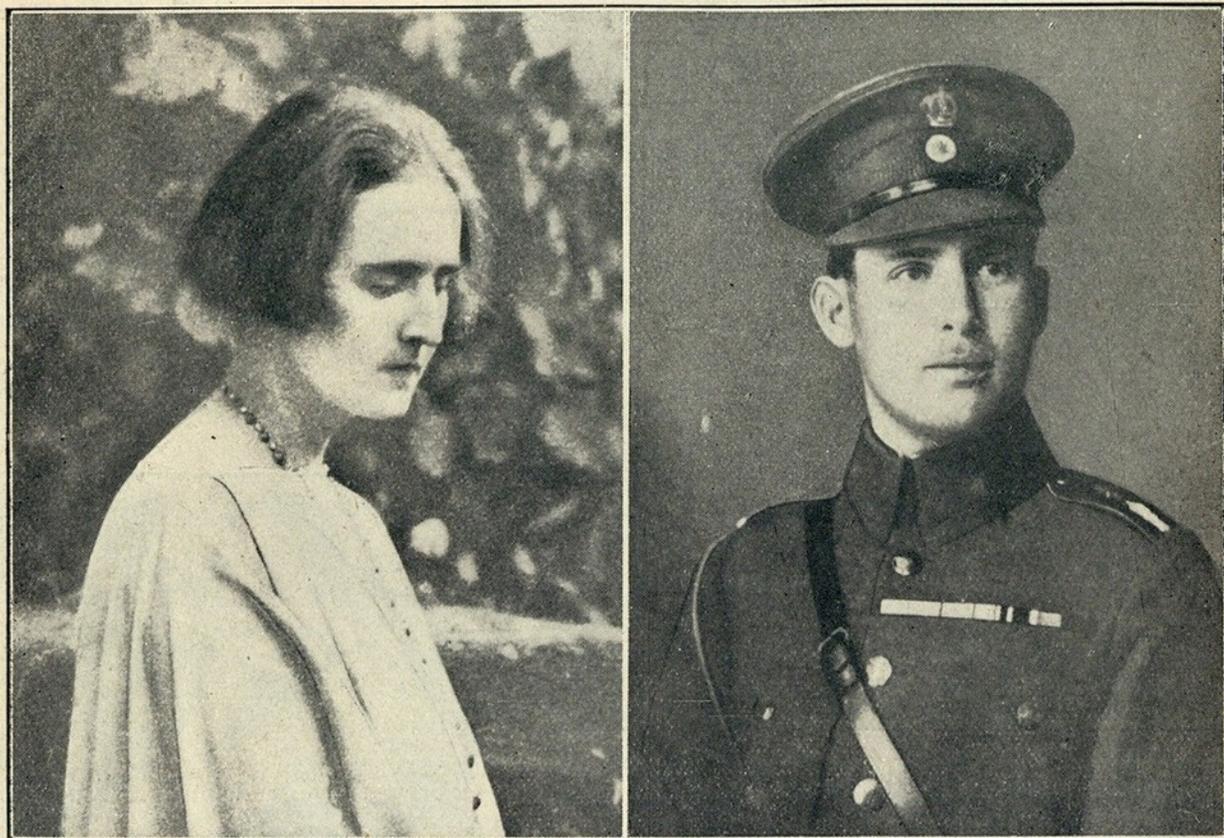


D. Alice G. de Lima
João B. de Lima

Um canto da exposição dos pintores portuenses, sr.^a D. Alice Grilo de Lima e sr. João Batista de Lima, inaugurada no dia 28 no Salão do Teatro Nacional de Almeida Garrett. A' esquerda, os expositores

A REPUBLICA NA GRECIA

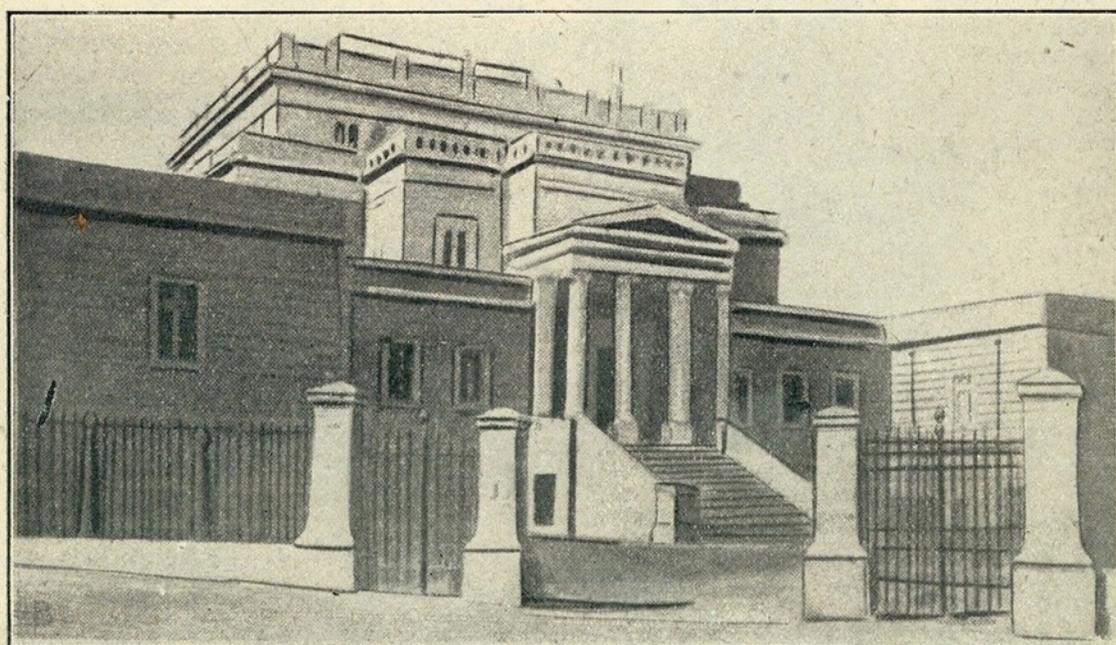
OS SOBERANOS DEPOSTOS



A ex-rainha Isabel

O ex-rei Jorge

O PALACIO DA ASSEMBLÉA NACIONAL



Onde foi votada, no dia 25 do mez findo, a deposição da dinastia e o estabelecimento do regimen republicano

"Estrelas e Atzes" do Cinema



Gerard, com Kyrle Bellew, onde obteve exitos iguais, senão superiores, aos da sua estreia.

Na Europa, representou pela primeira vez, em Londres, no teatro Playhous, interpretando a seguir, em companhia de Cyril Maude, o

A grande actriz cinematográfica, Geraldine Farrar



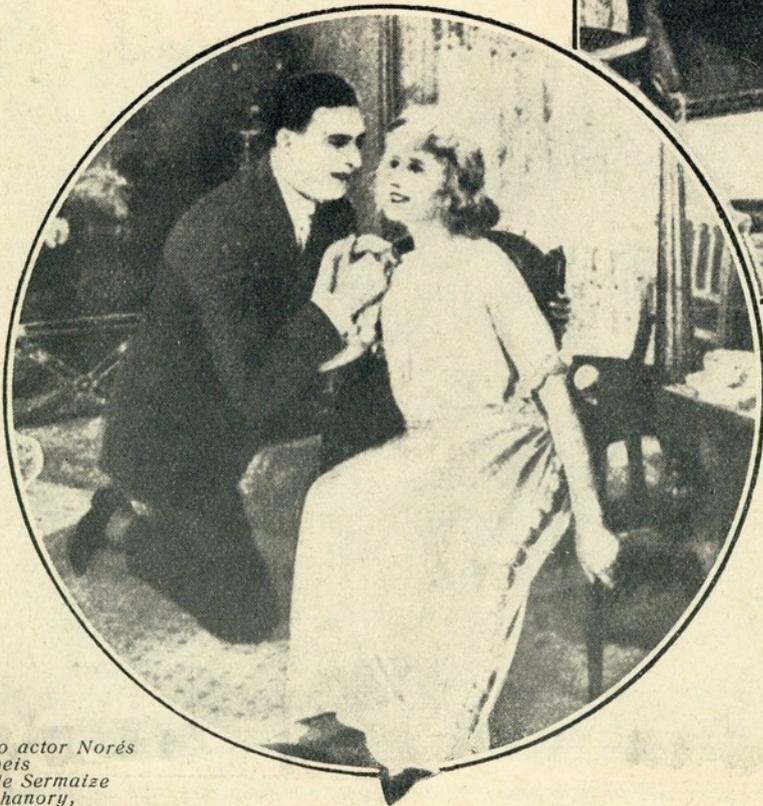
Mary Harold na película Taô, extraída do romance de Arnould Galopin

ELSIE FERGUSON, considerada, geralmente, uma das mais formosas estrelas do cinema, foi uma das grandes actrizes americanas, que só, ultimamente, abraçaram a arte cinematográfica.

E' uma verdadeira newyorkina.

Começou a representar na sua terra natal, no teatro Madison Square, estreando-se no drama The Liberty Bells, onde foi muito aplaudida.

Interpretou depois as peças The Two Scools e Brigadier



André Brabant e o actor Norés nos papéis de Raymonde de Sermaize e Jacques Chavory, da película Taô

o papel de Ella Seaford, do drama The Earl of Pawtucket.

Elsie Ferguson começou então a crear uma enorme fama, sendo extraordinários os sucessos que obteve nas peças: Such a Little Queen, The First Lady, The Strange Woman, Outcast, e no



Itala Almirante Manzini, numa das suas novas criações

Mercador de Veneza, no papel de Portia.

Antes de ter realiado a sua estreia no écran, appareceu pela última vez no palco, representando Shirley Kaye.

Estreou-se, então, no cinema, num film de Robert Hichens, intitulado Barbary Sheep.

A esta criação da grande artista, seguiram-se The Prise of Jennie Cushing, Rose of the World, The Lie, Song of Songs, The Avalanche, Witners for the Defense, Eyes of the Soul, A Society Exile, His House in Order, Lady Rose's Daughter.

Em 1920, Elsie Ferguson voltou, de novo ao palco, no desempenho do principal papel do drama de Arnold Bennett, Sacred and Profane Love.

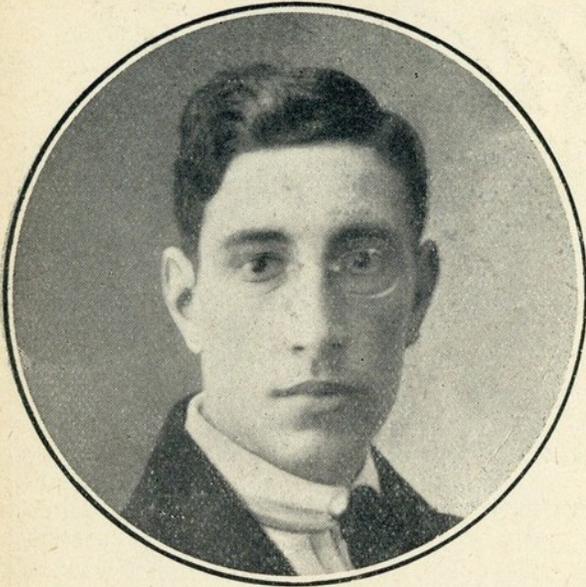
Com Wallace Reid, o malogrado artista cinematográfico, que a morte arrebatou em todo o esplendor da sua arte, realisou Elsie uma das suas melhores películas, Petter Ibbetron.

Raquel Devirys, no papel de Ana de Austria, da película Os tres mosqueteiros.

Raquel Devirys e Armando Bernard no papel de Planchet do mesmo film.

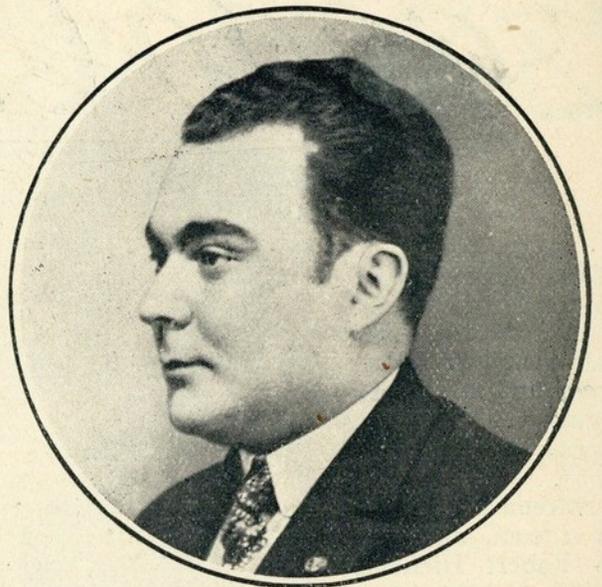


DOIS NOVOS ACADEMICOS



Dr. Paulo Merca

Professor de Direito da Universidade de Coimbra



Dr. Pedro Pita

Advogado, deputado e antigo ministro

CENTRO ESCOLAR DEMOCRATICO ESPANHOL

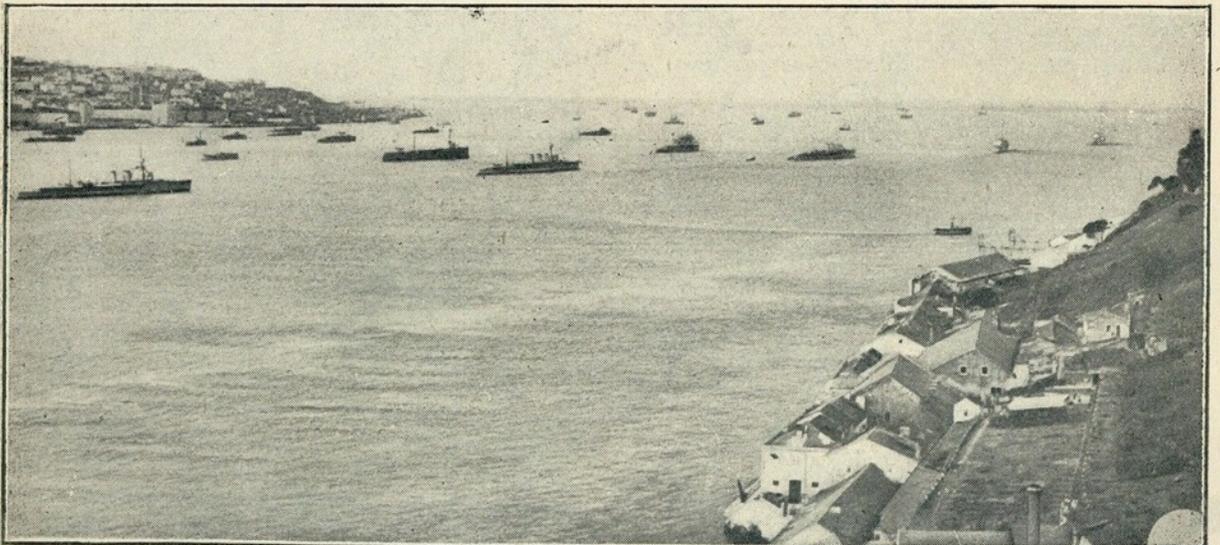
JOSÉ F. MUÑOZ



Um aspecto da elegante "matinée" realizada no dia 30 de março, vendo-se, ao centro, o par que ganhou o "Fox-trot" a premio, constituído pela sr.ª D. Palmira da Silva e o Sr. Matos Anjos

Zeloso empregado da administração de O Seculo, falecido no dia 30 do mez findo

ESQUADRILHA DE CRUZADORES INGLEZES



Os navios de guerra ingleses que fundearam no Tejo, no dia 29 do mez findo, tendo levantado ferro em 3 do corrente, vistos do Castelo de Almada

(Cliché Salgado.)

"Inglezes..."



Comedia em 3 actos
de Lorjô Tavares

no Teatro Nacional

O NOME de Lorjô Tavares conservava-se gratamente na memoria dos mais velhos frequentadores de teatro quando agora surgiu em scena a sua nova peça *Inglezes...*, naquele mesmo palco onde, com o *Segredo de Confissão*, ele obtivera, ha muitos anos, um merecido exito. Escrita no Brazil, aplaudida no Rio de Janeiro, *Inglezes...* encerra, como linda comedia anedotica, observação, espirito, ternura, uma leve e graciosa intriga de amor e a apologia da nossa terra e da nossa gente feita por quem dir-se-hia exclusivamente viver no apaixonado culto de tudo o que possui a marca ingleza. A personagem, quasi caricatural, do inglez aporuguezaço ou do portuguez que se inglezou, e, em qualquer dos casos, tão nossa, no fundo, pela alma e pelo sentimento, é encantadora, sem embargo da insistencia no vinco e no relevo de certas linhas. José Ricardo, desenhou-a com o meticuloso cuidado que dedica sempre ás figuras que incarna. O seu Taylor creou-o com a intelligencia, o realismo, a vivacidade que ele reclama. Se Lorjô Tavares tivesse composto o tipo adoravel de Mary expressamente para Ilda Stichini, por certo que não lograria ajustal-o melhor ás qualidades que exornam a nossa primeira ingenua de comedia. Ilda Stichini, vivendo a candida desenvoltura dos desoitos anos viçosos da personagem, não deixou perder uma unica minucia que contribuisse para que a interpretação fosse perfeita. A escala cromatica dos matizes psicologicos percorreu-a e dominou-a com singular virtuosismo. Alegre, generosa, infantil, sentimental, ciumenta, foi-o profundamente humana, sem que o artificio atraçoasse nunca a naturalidade requerida. Frescas, cristallinas modulações de voz; pureza de lagrimas e de risos; atitudes e movimentos de flagrante verdade, tudo em Ilda Stichini concorre para que seja inegualave neste genero de papeis. Maria Pia, uma das mais femininamente aristocraticas entre as nossas raras comediantes de

boa escola, poz a sua distincção pessoal de sempre e a finura da sua arte ao serviço de uma avosinha de conto de fadas e ninguém hoje a excederia na delicadeza com que compoz a encantadora personagem. Rafael Marques, actor mais para impetos e violencias do que para galantarias de salão, no papel do tio que se apaixona pela sobrinha esteve acertado, a despeito da fogosidade do seu temperamento. Joaquim Costa e Clemente Pinto, em figuras episodicas, desenharam-nas com a necessaria leveza. Luiz Pinto caricaturou jocosamente um inglez amoroso e meteorico. Joaquim de Oliveira, num *bout de rôle*, bem caracterisado.

Conjuntamente com os tres actos de *Inglezes...* estreou-se um novo autor dramatico, Carlos Alberto Ferreira, que patenteou apreciaveis aptidões no episodio em um acto *A Irmã Cruz de Guerra*, representado por Ilda Stichini, Helena de Castro, Rafael Marques e Clemente Pinto.

* * *

No S. Luiz, em festa artistica de Ausenda de Oliveira, subiu á scena pela primeira vez a opereta *As andorinhas*, tres actos de D. José Paulo da Camara e Feliciano Santos, dois jornalistas distintissimos que no teatro já teem afirmado o seu talento. Obra honesta, com bonitos versos, seu enredo ingenuo, suas situações comicas, seus ditos engraçados, *As andorinhas* teem musica de Filipe Duarte, autor illustre de tantas partituras que ja se lhes perdeu a conta. A quantidade prejudica, senão a qual-

idade, pelos menos a originalidade, pois que o compositor se plagia a si proprio inconscientemente sem duvida. O desempenho da opereta, pela companhia dirigida por Armando de Vasconcelos, agradou ao publico e Ausenda, que tem inumeros admiradores da sua gentileza e da sua arte, foi alvo de carinhosas ovações que abrangeram os libretistas e o seu colaborador musical. §



José Paulo da Camara Maestro Filipe Duarte Feliciano Santos

Os autores do libreto e da partitura de "As andorinhas"

A. de A.

“MICARÊME” INFANTIL

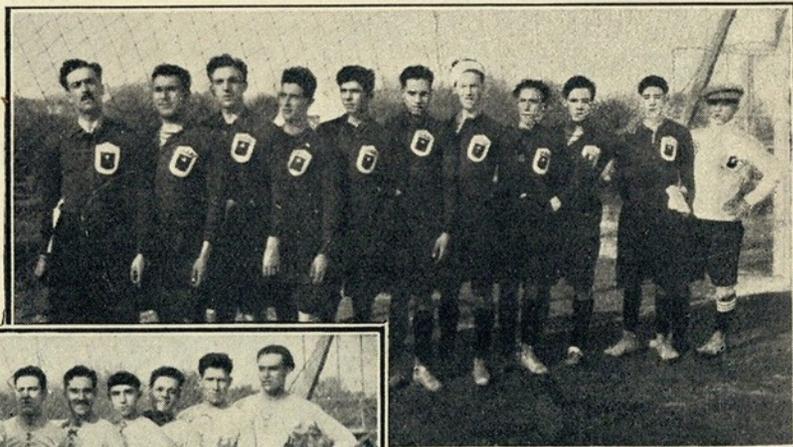


As crianças mascaradas, que tomaram parte no interessante baile infantil com que, a exemplo dos anos anteriores, o Pensionato Julio Diniz, de que é directora a sr.^ª D. Julia Manso Soares, celebrou, no dia 26 do mez findo, o dia da «serração da velha»

(Cliché Salgado.)

O FOOT-BALL NA PROVINCIA

No dia 23 do mez findo realisou-se, no campo da Ponte, em Braga, a disputa do 1.^o Braga-Coimbra, tendo vencido, por 2-1 a selecção de Coimbra.

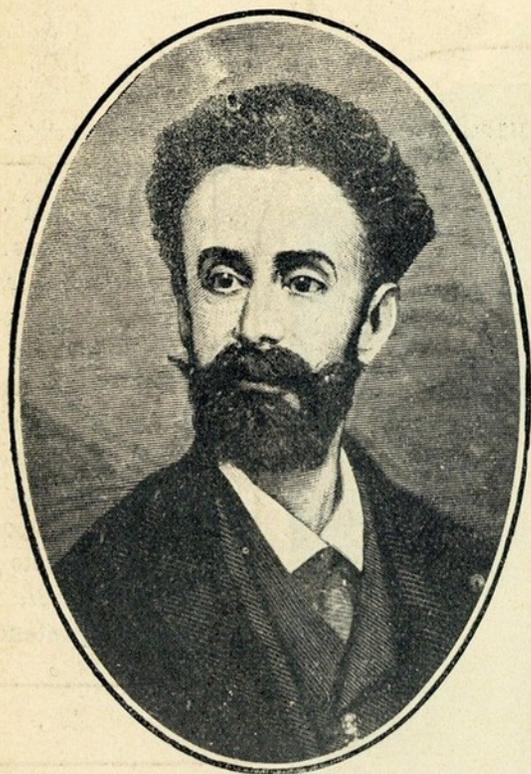


Em cima—A selecção de Coimbra, vencedora do desafio



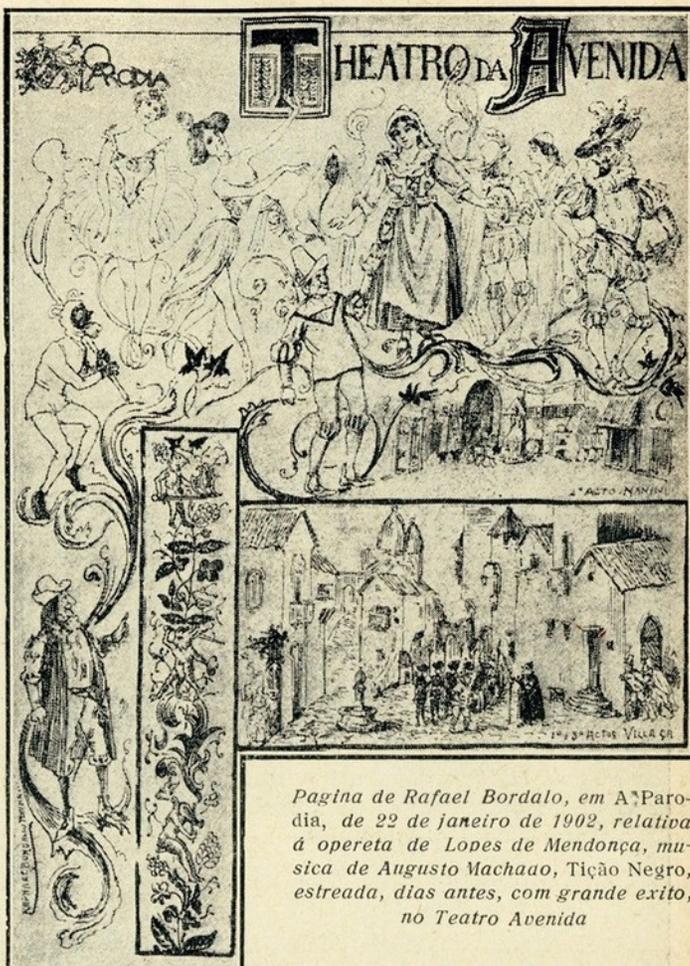
A' esquerda — O onze bracarense

Ha Muitos Anos...



O falecimento maestro Augusto Machado, em 1887, por ocasião de subir à scena, em S. Carlos, a sua opera Os Dorias

(O Occidente, n.º 293.)



Pagina de Rafael Bordalo, em A Parodia, de 22 de janeiro de 1902, relativa à opereta de Lopes de Mendonça, musica de Augusto Machaao, Tição Negro, estreada, dias antes, com grande exito, no Teatro Avenida



Pagina de O Antonio Maria de 6 de março de 1884, tambem assinada por Bordalo Pinheiro, e dedicada à estreia, no Teatro de S. Carlos, da opera de Augusto Machado, Laureana

Página Elegante



O principal encanto das *toilettes* modernas reside na extrema simplicidade de corte e armado que as caracteriza.

De facto, a moda actual repudia tudo quanto possa dar ao aspecto geral da *toilette* um cunho pretencio-



so, despreza os grandes efeitos, grosseiramente conseguidos por meio de acumulações de tecidos ou de profusão de guarnições. Acarinhando muito especialmente a linha direita e esguia, o corte desprezioso, singelamente traçado, todas as suas atenções recaem nos promenores aparentemente insignificantes, mas que são, na realidade, a base da real elegancia da *toilette* moderna.





ONDE SE CONVERSARA' COM OS LEITORES A PROPOSITO DE TU DO E O MAIS QUE OCORRER.

MARTIRES DO IDEAL, por Augusto de Lacerda

Acha-se publicada a peça em quatro actos *Martires do Ideal*, de Augusto de Lacerda, representada pela primeira vez no Teatro Nacional Almeida Garrett em 3 de Maio de 1915. A critica apreciou então, com o cuidado e o desenvolvimento requeridos, o trabalho do illustre dramaturgo, prestando homenagem ás qualidades e aos talentos de Augusto de Lacerda. Algumas das opiniões da imprensa veem transcritas no volume que temos presente e são todas unanimes em exaltar os meritos capitaes do drama, que é de grande elevação de pensamento e como tecnica e literatura consoante as tradições que acompanham o festejado nome do autor. Depositarios, Ferreira & Franco, L.da, rua da Madalena.

COISAS DA VIDA... por Antonio Pinheiro

O notavel actor Antonio Pinheiro, a quem já deviamos, entre outros trabalhos, o volume intitulado *Ossos do officio*, acaba de publicar mais um livro de impressões e memorias artisticas com o titulo de *Coisas da vida*... São perto de 400 paginas escritas despretenhiosamente, mas cheias de informações auto-biograficas e de pormenores que interessam á historia do teatro portuguez contemporaneo. Antonio Pinheiro conta-nos, sempre com perfeito bom humor, as aventuras da sua carreira no Brasil e alguns dos seus magnificos triunfos alcançados em Lisboa. A independencia das alusões, as notas intimas da vida de bastidores, os esclarecimentos ácerca de episodios em que se envolvem numerosos artistas de varias categorias, certos lances pitorescos ocorridos em *tournées*, tudo imprime um sabor especial a esta obra que se lê com curiosidade e proveito. Homem de teatro como os que mais o são, Antonio Pinheiro narra-nos, desenfadadamente, parecendo que conversa connosco, as scenas comicas, dramaticas ou heroicas da sua vida de artista que comeu o pão que o diabo amassou. As suas impressões são a miude graciosas ou amargas confidencias, quando não são a lembrança de merecidos e inolvidaveis triunfos.

Coisas da vida... ficam bem na estante de quem se interessa por assuntos teatraes.

NO PLANALTO DA HUILA, por Gastão de Sousa Dias

No Planalto da Huila sub-intitula-se «Cronicas de viagem, impressões e aspectos». O sr. Gastão de Sousa Dias, que se revela um homem de letras, elegante e discreto, apurado mas sem sombra de affectação, falanos da nossa Africa com um conhecimento de causa, um carinho, um bom senso, um cunho de arte e um patriotismo que nos encantam e comovem. Ha que ler e aprender neste livro documentado pelo testemunho de um homem de talento que é, simultaneamente, um bom portuguez e um belo artifice da prosa. Edição da Renascença Portuguesa. A. de A.



AQUI SE DIRA DOS LIVROS CUJOS AUTORES, ENVIANDO-OS A BIBLIOTECA DA ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA, MANIFESTEM O DESEJO DE SER FALADOS

M. D'E. (SANTAREM)—Na sua *Descrença* ha versos de 9, 10 e 11 sílabas. Por exemplo:

Talvez que ela tambem se esquecesse
e
Que eu comecei a, do amor, descrêr

com 9 sílabas e, o ultimo, errado na acentuação que compete á respectiva medida.

Amei-a muito, depois fiquei sem ela

de 11 sílabas, tambem errado, na acentuação.

Quanto aos restantes, de 10 sílabas, contem d'estes abortos:

E tambem que chorei na campa d'ela

Já agora, tenha paciencia, que nós tambem tiremos, e torne a chorar na campa d'elles—dos versos...

TRISTE GAIE—Não tem que agradecer: nós, sim, que pedirmos-lhe desculpa de lhe haverem errado a grafia e, portanto, a intenção do pseudonimo. Quer-nos parecer que está V. Ex.^a enganada e, não diremos a gaffe, pois que o seu equívoco de maneira alguma envolveu gaffe, porém o... engano se repetiria se tivesse escrito o nome. Mas, tambem poderá ser que sejamos nós os equivocados...

O seu novo conto fica aguardando oportunidade de ser publicado. Desculpará se ela demorar, pois estamos literalmente aborçados de originaes.

MENINA E MOÇA—Não se impaciente, que muitas outras pessoas esperam, até ha mais tempo, que V. Ex.^a. O conto sae hoje e as Violetas esforçar-nos-emos por não lhes dar tempo a que fenecam. Se é que correm esse risco, o que não cremos.

F. N.—Não se pode dizer que a emenda melhorasse o... soneto. Este continua a ter, aproveitavel, apenas o fecho. Sendo, seguramente, alguma coisa é, contudo, pouco!

A. L. (PORTO)—A *Ilustração* é uma revista portugueza e para portuguezes, onde, portanto, não tem cabimento colaboração noutro idioma. A menos que se trate de uma obra literaria de tal vulto que, pelo seu grande valor, se imponha á... gregos e trojanos. Ora os seus versos Ma mãe estão longe de merecer essa qualificação O que não admira, porque o soneto, com o ser escrito em portuguez, não se lhes avantaça.

Por exemplo:

Agora sua ideia mar'vilhosa

Cumprir as leis de ser religiosa

que, como versos... são pessima prosa.

A. P. (PORTO)—Apezar da segunda inicial differir, supomos tratar-se da mesma pessoa a quem respondemos acima. Além do mais, pela ruim prosa com que escreveu em verso... Onde viu aleluia rimar com *leia*? Não.

Uma seentelha... nesta aleluia

é liberdade poetica que, pelo menos cá por casa, não se reconhece.

Isto, fora o mais que suprimimos por brevidade, quanto ao soneto. Pelo que olha ás quadras, permitindo-nos observá-lhe que stelo não é nada, em portuguez, pois o racabulo que quiz empregar escreveu-se e pronuncia-se cicio; transcreveremos apenas uma, para que faça ideia, quem perceba alguma coisa d'isto, do que a gente sofre!

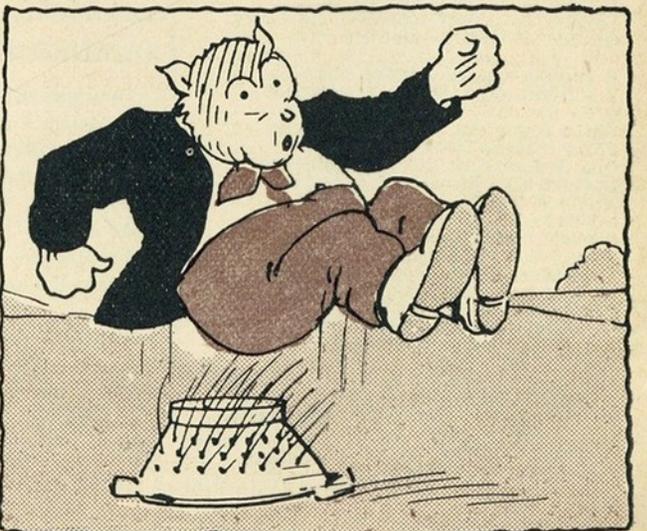
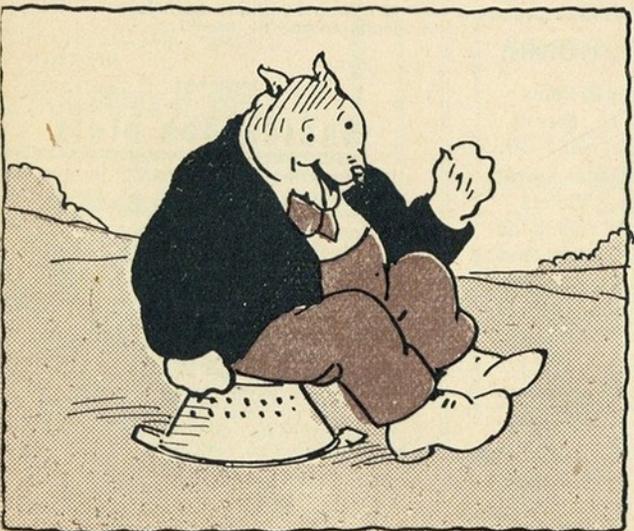
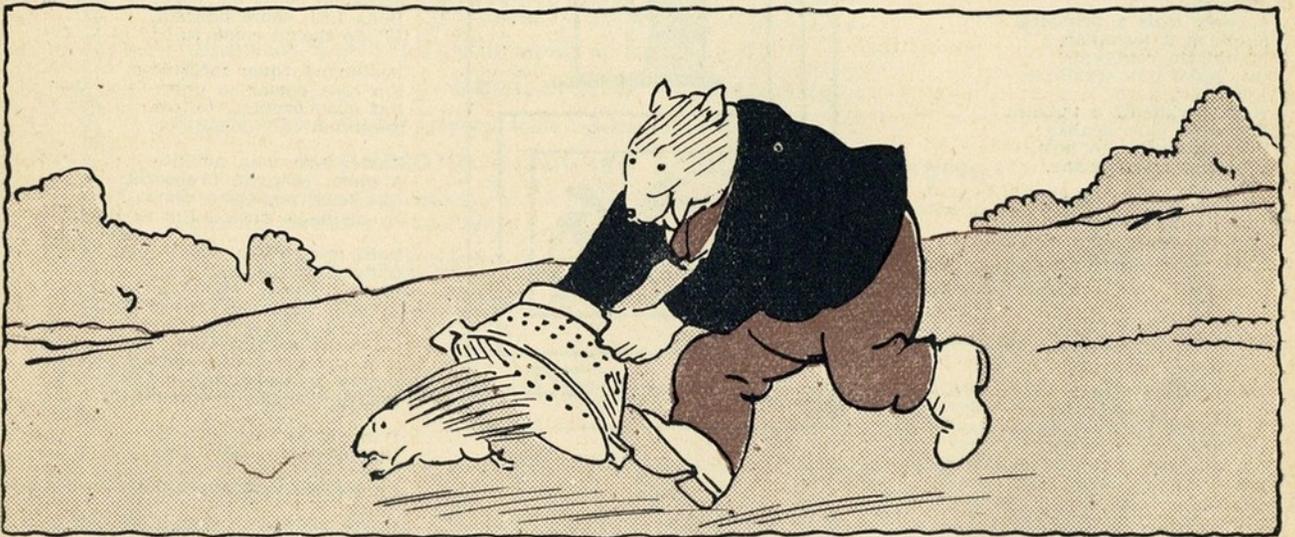
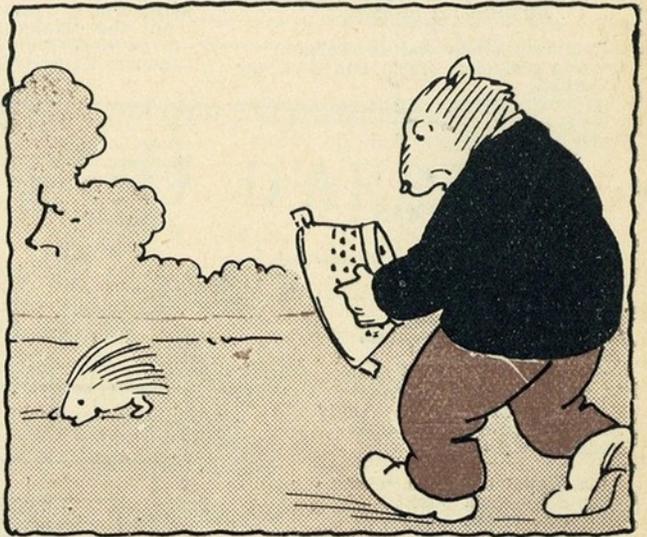
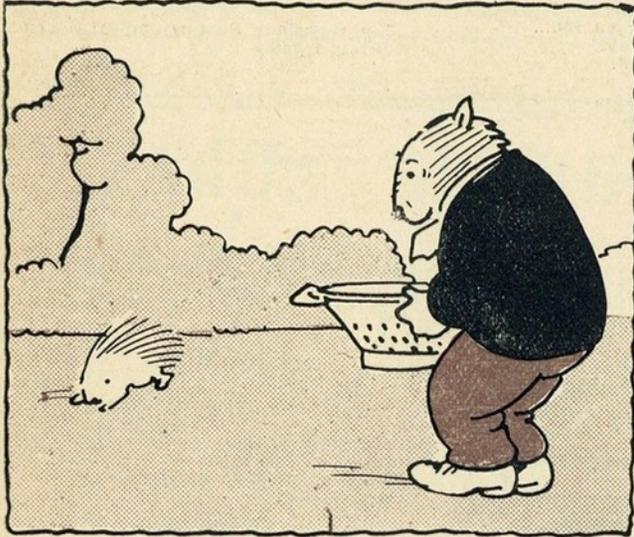
Eil-a:

Aurea luz que no céu brilha
Tu és Deus, não és estrela;
—Que ternas noites d'amor
Brilham assim olhos d'Ela!

Em compensação os nossos, fecham-se horrorizados!



○ URSO E O PORCO-ESPINHO





ESFINGIA



CHARADA EM VERSO

Vi á dias um poema,—2.
Obra de grande valor,
Que de então mostrei desejo
De conhecer o auctor.

Enfim; lá vi o poeta;
Eu proprio me apresentei...
E dirigindo-me a ele
Com respeito, perguntei:

Vocelencia é d'esta terra?—2.
—Ah! não cavalheiro; eu sou...
—E puxando d'um papel,
Algumas letras traçou.

E agora vou 'xp'rimentar
Se o leitor lendo com geito,
Chega a saber afinal
Qual é a terra natal
Do homem,—que é conceito?!

Reguengos

Godinho.

CHARADAS EM FRASE

Eia rapasiada Sigam sempre até en-
contrar o gado—2—1.

Porto

Anjo.

A maior pena na vida, é não poder
vêr este animal—1—2.

Rinholas

Outra ave peruana, mas das velhas,
chegou á terra portugueza—1—2—1.

Porto

Antone Jaquim

LOGOGRIFO

(A' R., amorosamente)

Cavalcante Xavier
Pepino da Boa-Morte
Tem um mimo de mulher,
Um beijinho de consorte.

Cavalcante é uma besta,
Selvagem como um peru;—4—2—1—3.
Dona Lili, sôbre honesta,
E' tão meiga como tu.

Pepino não quer meiguices,
Em casa comer só quer;—4—6—3—4.
Das suas brutas... tollices
Nenhuma cabe á mulher.

Xavier tem uma amante
A quem chamam *Cracodilho*.
Que tem trombas e rompante
E vae-lhe á cara!... Um sarilho!

Pois, minha rica amiguinha,
O Boa-Morte não se ira;
Gost' d'aquela vidinha...
E come cada mentira!—3—5—4—3—1—6.

Certo dia a tal virago,
P'ra dar a amantes—uns pontos!—
Sorveu ao *Cavalcantago*
Bem p'ra cima de cem contos

P'ra chupar este dinheiro
Descreveu ao Cavalcante,
Num vil calão de cocheiro,
Uma cena... extravagante!...

Boa-Morte foi 'screvendo
O mais que infame aranzel
E co'a porquidade enchendo
Duas folhas de papel!

Porto

Dr. Essejê

Indicações uteis

No proximo sabado sairão publicadas
na *Ilustração Portuguesa* as decifrações
das produções insertas n'este numero

—Toda a correspondencia relativa a
esta secção deve ser enviada ao *Seculo*
e endereçada a José Pedro do Carmo.

—Ao director d'esta secção assiste o
direito de não publicar produções que
julgue imperfeitas.

—Só é conferido o Quadro de Honra
a quem envie todas as decifrações exa-
tas, que deverão ser entregues até cinco
dias após a saída d'este numero, ás 16
horas, na sucursal do Rocio.

—Os originaes, quer sejam ou não pu-
blicados, não se restituem.

Decifrações das produções publicadas no anterior numero

Enigmas: Vitela—Salina—Telhado.
Enigma pitoresco: Quem tem boca vae
a Roma.

Charadas em frase: Justino—Capitolina
—Calçado.

Logogrifo: Santa claridade do Paraizo.

ENIGMAS

(Ao distinto colega «Feldirio»)

Peço licença ao amigo
P'ra lhe vir apresentar
Este enigma mui facilimo
Para você decifrar.

E' por dez letras formado
Entre as quais, quatro vogais
Sendo as outras consoantes
Todas ellas desiguais.

Se á segunda mais á setima,
Quinta e ultima puser,
Vê tecido muito forte
E difficil de romper.

A sexta mais a primeira
E oitava a terminar,
E' objecto conhecido
Que serve p'ra iluminar.

Nona, primeira e terceira
E quarta para acabar
Procurando muito bem,
Utensilio ha-de achar.

Já deve ter decifrado,
E tenho toda a certeza
Que há de haver encontrado
Uma terra portugueza.

Satina

(Oferecido a «Zépedro»)

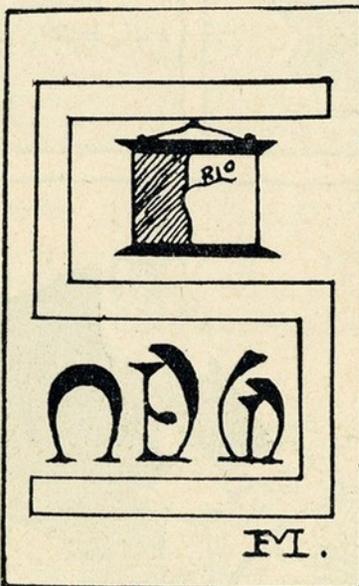
Aquilo era fatal. Todos os dias
Lá 'stava eu e ma'l-o Zé Tobias
A's voltas co'o xadrez, a bom recato
Em certa mesa dum café pacato,
Passando longas horas á disputa
Numa tenaz e persistente luta.
O nosso jogo não estava a par;
Porisso eu muito tinha de pensar,
Embora de pensar morresse um burro.
Quando a coisa ia mal cheirava a es-
turro

E succedia que de vez em quando,
Em frente dum ataque formidando,
O Zé me dava colossal derrota.
Então é que era vé-lo; tal chacota
Fazia o nosso campeão valente,
Que desforrar-me qu'ria, fatalmente.
Um dia o Zé dispara-me o cartel.
Aceito e logo vamos em tropel
No meio de *mirones* abancar.
Silencio, vai a luta começar...
E luta foi encarniçada e fera;
Toda a assistencia apaixonada espera
Tá mui nervosa, tremula, insofrida,
O desfechar da magistral partida.
Mostrando que não era tão pechote,
Fui preparando o derradeiro bote:
Um bispo lhe mudei com precisão,
E porque este era a chave da questão,
Finalizando o insolito combate
Enfim, lhe dei tremendo cheque-mate.

Porto

Zé Matuto.

ENIGMA PITORESCO



QUADRO DE HONRA

Panlitos — Castor & Polux —
Tia Aldina—Pam—Dr. Essejê—
Ribeiro da Silva — Do 16 — Dr.
Pirilau—A. Fernandes—Serrot
—Pim, Pam, Pum — Violeta —
João d'Além—Eu & Visinho do
lado—Marte — Sengirdor—Bra-
guense—Ponto & Virgula—Ma-
no L. — Conde Curado — Pinta
scenas — Sorrab.

Campeões decifradores
do penultimo numero

= DOENTES =

Do estomago, rins, figado e intestinos,

a triticos, obesos e unjaticos, nervosos e mentais;

Por graves ou antigos que sejam os vossos padecimentos, **responsabilizo-me da sua cura** por meio dos meus especiais tratamentos NATURO-Psico-MAGNETOTERAPICOS.

DR. INDIVERI COLUCCI

RUA CIDADAO JOAO GONÇALVES, 20, 2.º, E

(AO INTENDENTE)

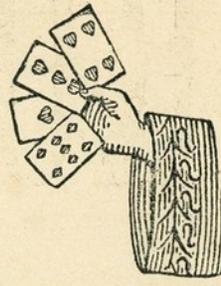
TELEFONE 2.788-N.

SENHORAS! USEM SEMPRE O

"Maria" Luiza"

M. ME VIRGINIA

CARTONANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro. Consultas todos os dias v. e s. das 12 as 22 horas e por correspondencia. Envia 1\$00 para resposta da carta.

Calçada da Patriarcal, n.º 2, 1.º, Esq. (Cimo da rua da Alegria, predio esquina)

AGUA, CREME E PÓ D'ARROZ

Rainha da Hungria

Para a Beleza e Higiene da pelle, dando-lhe um avelludado e frescura incomparavel. Não é untoso. As senhoras que o usam tem uma pelle ideal

TÓNICO VILDIZIENNE

O tesouro dos cabellos

Faz crescer os cabellos

Cura a caspa, a canice, a calvicie e todas as doenças de couro cabelludo em todas as idades e em todos os casos.

TINTURA VILDIZIENNE

Instantanea. A melhor e a mais rapida do mundo.

Depilatorio Vildizienne

O unico de resultados surpreendentes, garantidos e rapidos.

Depilatorio electrico radical e inofensivo

O unico que tira progressivamente os pellos para sempre, o melhor do mundo. Resposta, mediante estampilha, á

Academia Scientifica de Beleza

DIRECTORA — MADAME CAMPOS

AVENIDA, 23

Teletone 3614-N.

LINHOS BRANCOS
RENDAS-ENTREMEIOS
LENÇOS-CRETONNES

Au Printemps-R. Ivens, 56

Perfumaria
Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141

TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

Pensão-Dietética

*Medica, Naturista
e Ordinaria*

QUARTOS amplos com electricidade, janelas e confortavelmente mobilados. Higiene rigorosa e serviço esmerado. Aceitam-se comensaes. Rua Francisco Sanches, M C, 1.º (Cimo Av. Alm. Reis).

Officina de Vulcanização
DE
Francisco Bernardino
Rua do Trinal, 21
Consertos em pneus e camaras d'ar
Com perfeita servidão e rapidez cujos
trabalhos são absolutamente
garantidos



Coroas

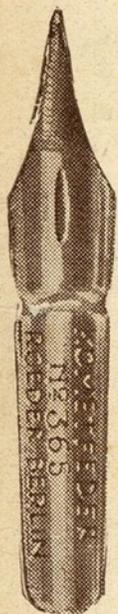
Onde ha o mais chic sortido e que mais barato vende, por ter fabrica propria. é na

Camelia Branca
L. D'ABEGARIA, 30
(ao Chiado) - Telef 3270

TRABALHOS TIPOGRAFICOS
—EM TODOS OS GENEROS—

Fazem-se nas oficinas da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
Rua do Seculo, 49 — LISBOA

alemães



Os aparos

ROEDER

Rivalisam em absoluto com os melhores aparos inglezes e são mais baratos

Estas penas podem, em virtude da construção dos seus bicos, ser empregadas para escrever sobre papel muito aspero ou muito fino sem o rasgar ou arranhar, Correm facilmente sobre o papel, não fatigam a mão e possuem, por motivo da qualidade de primeira ordem do aço com que são fabricadas, uma extraordinaria duração.

A' venda nas seguintes papelarias:

LA BECARRE, R. Nova do Almada, 47; EMILIO BRAGA, R. Nova do Almada, 59; PETIT PEINTRE, R. S. Nicolau, 104; PALHARES, R. do Ouro, 143; PROGRESSO, R. do Ouro, 153; DA MODA, R. do Ouro, 167; VASCONCELOS, R. da Prata, 272; VITORINO & CORREIA, R. dos Correiros, 247, etc.

Principal depositario para a venda ao publico, PAPELARIA V.^a MARQUES, Rua do Ouro, 36

Armazenistas para a venda por atacado: TEIXEIRA ROCHA & C.^a, Ltd.^a, R. dos Douradores, 112; PAPELARIA FERNANDES & C.^a, Ltd.^a, R. do Rato, 33; SOCIEDADE LUSO-AÇOREANA, L., R. dos Douradores, 179; VICENTE MARTINHO, Ld.^a, R. da Madalena, 77.

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS EM PORTUGAL

SCHROETER & C.^a

R. de S. Julião, 5, sobre-loja

Os aparos



alemães